

INTERCOM
* NÃO CIRCULA *



BOLETIM



INTERCOM



32



INTERCOM
Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Rua Augusta 555
01305 São Paulo
CGC-51201093/0001-53



Coletânea dos trabalhos apresentados ao III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, promovido em 1980 pela INTERCOM, analisando a questão do populismo e do neo-populismo, bem como o papel da comunicação como instrumento de manipulação e/ou mobilização das massas. Colaboram no volume, entre outros, Maria Ligia Prado, Jeanne Marie Interlandi, Guíta Grim Debert, Carlos Eduardo Lins da Silva, Maria Helena Copelato, Luiz Fernando Santoro, Ligia Chiappini Moraes Leite, Moacir Godotti, Maria Lucia Montes.

Co-edição
CORTEZ/INTERCOM

Pedidos para: Rua Bartira, 387 - São Paulo - SP

rica, tendências a definições de linhas de avaliação".

INTERCOM
* NÃO CIRCULA *

Noticiário da INTERCOM

IV CICLO DE ESTUDOS DA INTERCOM DESPERTA GRANDE INTERESSE

Tem sido surpreendente o interesse despertado pelo IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, tanto no país quanto no exterior. As adesões de sócios e outros estudiosos do país ultrapassaram as previsões da diretoria. Fato novo na vida da INTERCOM foi, contudo, a busca de informações por parte de pesquisadores da comunicação de outros países latino-americanos, havendo a expectativa da presença de alguns deles, apesar do pouco tempo de que dispõem para providenciar os trâmites da viagem. Já estão confirmados quase todos os conferencistas e participantes de simpósios, principalmente do casal Armand e Michelle Mattelart convidados especiais para o Ciclo. Em parte, a adesão ao Ciclo deve-se ao seu tema básico - Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação. Credita-se também esse interesse demonstrado pelos pesquisadores da área à repercussão dos ciclos anteriores organizados pela INTERCOM, onde os participantes tiveram oportunidade de manter uma reflexão e um debate de alto nível, afastando-se daquela postura peculiar a muitas reuniões de comunicação, onde impera o senso comum. Na próxima edição deste boletim traremos ampla informação sobre o Ciclo e seus resultados.

INTERCOM PARTICIPA DE ENCONTRO LATINO-AMERICANO

A convite da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Programa de Mestrado em Antropologia e Política - a INTERCOM participou oficialmente do II Seminário de Estudos Latino-Americanos, promovido pela CLACSO - Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais - e patrocinado pelo CIID - Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo. Os professores José Marques de Melo e Anamaria Fadul, respectivamente presidente e vice-presidente da INTERCOM, integraram o elenco dos expositores do seminário, bem como o sócio Sérgio Caparelli. Outros associados também estiveram participando dos trabalhos do Seminário. A reunião ocorreu, em Porto Alegre, no Salão de Festas da URS, no período de 17 a 19 de agosto.

LIVROS DA INTERCOM INCLUÍDOS EM BIBLIOGRAFIA INTERNACIONAL

Os livros correspondentes aos dois primeiros ciclos de estudos da INTERCOM - Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação e Comunicação e Classes Subalternas - foram incluídos na bibliografia internacional sobre Marxism and the Mass Media, organizada periodicamente pelo International Mass Media Research Center, instituição sediada em Bagnolet (França) e dirigida pelo pesquisador norte-americano Seth Sieglaub. A INTERCOM figura também na lista complementar, publicada na última edição daquela bibliografia (nºs 6 e 7, referentes a 1980), das entidades que trabalham com estudos de comunicação adotando uma perspectiva crítica de análise. Explica Sieglaub que, para a compreensão da abrangência da bibliografia, "a palavra marxista refere-se a uma muito geral 'visão do mundo' e é usada também em sentido o mais amplo possível, que inclui tudo aquilo que é rotulado como de esquerda ou crítico".

CNPQ INICIA CONTACTOS PARA COOPERAÇÃO COM A INTERCOM

A nova Superintendência de Programas Institucionais do CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - iniciou contactos com a INTERCOM, com vistas à inclusão da INTERCOM no PROACT - Programa de Associações Científicas e Tecnológicas. O presidente da INTERCOM já manifestou o interesse da Sociedade em participar daquela iniciativa e foi convidado a participar de um encontro com o Presidente do CNPQ, Prof. Lynaldo Cavalcanti, para discutir, junto com outros presidentes de organizações congêneres, o alcance e as possibilidades do referido programa. Essa reunião ocorreu em São Paulo no dia 27 de agosto.

COMISSÃO PARA REFORMA DOS ESTATUTOS

A última assembléia geral dos sócios da INTERCOM, realizada em julho, decidiu proceder a uma reforma dos Estatutos da Sociedade, com vistas a eliminar algumas incoerências normativas, e a adaptá-lo à dinâmica da nossa vida cultural e científica. A diretoria já nomeou a comissão encarregada de fazer esse trabalho, apresentando um ante-projeto a ser discutido por todo o quadro social: Carlos Eduardo Lins da Silva (presidente), Armando Azzari e Rhea Sylvia Gartner. Até novembro, espera-se que a comissão conclua sua proposta para envio aos sócios. A decisão sobre os itens modificados será tomada na próxima Assembléia Ordinária, prevista para junho de 1982.

LANÇADO LIVRO SOBRE POPULISMO E COMUNICAÇÃO

Durante a última reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC - realizada em Salvador, em julho, foi lançado o mais recente livro organizado pela INTERCOM. Trata-se de Populismo e Comunicação, volume que reúne os trabalhos apresentados no III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. O lançamento é da Cortez Editora, que informa estar encontrando boa receptividade junto ao público universitário. Os sócios da INTERCOM (em dia com a Tesouraria) já receberam gratuitamente os seus exemplares. Aguardamos, agora, críticas e comentários, esperando que cada sócio promova a difusão do livro junto ao seu círculo acadêmico ou profissional.

EM CIRCULAÇÃO, O Nº 3 DA BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO

Reunindo toda a produção editorial brasileira sobre comunicação, referente aos anos de 1979 e 1980, está circulando o terceiro número da Bibliografia Brasileira de Comunicação, publicação periódica da INTERCOM. Trata-se de uma edição graficamente bem cuidada, para a qual a INTERCOM contou com o apoio e a cooperação do IMS - Instituto Metodista de Ensino Superior e da ECA-USP - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Todos os sócios da INTERCOM receberam um exemplar daquela publicação, que também foi enviada, sob a forma de intercâmbio, às principais instituições brasileiras e internacionais da área.

APELO DA TESOURARIA

Restam ainda alguns sócios que não efetuaram o pagamento da anuidade referente a 1981. A Tesouraria apela para esses companheiros enviarem suas contribuições imediatamente, em vista dos constantes aumentos dos custos operacionais da Sociedade, principalmente o correio. O valor da anuidade foi fixado pela última assembléia em Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros), que deve ser enviado em cheque nominal à INTERCOM. Não serão aceitas ordens bancárias nem vales postais.

Noticiário dos sócios

LUIZ DE GONZAGA BALBI (RJ) - Realizou palestra sobre "A comunicação no meio rural", a convite do Centro de Estudos da Fundação Norte Fluminense de Desenvolvimento.

VERA LÚCIA RODRIGUES (SP) - Criou a Vervi - Assessoria de Comunicações S/C Ltda., empresa destinada a prestar serviços especializados às instituições interessadas.

ANAMARIA FADUL (SP) e SERGIO CAPARELLI (RS) - Ministraram cursos de pós-graduação (especialização), durante o mês de julho, em São Luís, a convite da Universidade Federal do Maranhão.

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA (SP) - Está ministrando neste segundo semestre dois cursos, em nível de pós-graduação: no Instituto Metodista de Ensino Superior, sobre Metodologia da Pesquisa em Comunicação e na ECA-USP um curso sobre Jornalismo Popular.

FRANCISCO ASSIS FERNANDES (SP) - Foi contratado como Professor-Assistente da ECA-USP, junto ao Departamento de Relações Públicas.

DULCÍLIA BUITONI e JAIR BORIN (SP) - Foram nomeados para o quadro efetivo da ECA-USP, junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração, aprovados que tinham sido em concurso público realizado no início deste ano.

JOSEPH LUYTEN (SP) - Publicou em livro, pelas Edições Loyola, a sua tese de mestrado sobre literatura de cordel editada em São Paulo.

WILSON BUENO (SP) - Está ministrando, na ECA-USP, um curso de Pós-Graduação sobre Jornalismo Científico.

ROBERTO BENJAMIN (PE) - Produziu, recentemente, dois trabalhos na área da Folkcomunicação - "Do mundo pelo avesso ao avesso do mundo pelo avesso", contribuição ao painel sobre o carnaval como ópio do povo, realizado em Recife, pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; e "João Martins de Athayde, Editor", palestra proferida no Ciclo de Estudos do Centenário daquele poeta popular.

JOSÉ MARQUES DE MELO (SP) - Proferiu palestra, em Maceió (AL), no Diretório Central dos Estudantes da UFAL, a convite de alunos e professores do Curso de Comunicação. /A convite do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo participou de debate sobre a crise dos cursos de comunicação, que deverá ser publicado no jornal Unidade.

ONÉSIMO DE OLIVEIRA CARDOSO (SP) e ATTILIO HARTMAN (RS) - Participaram em Bogotá, no período de 23 a 27 de agosto, da assembléia regional da WACC - World Association for Christian Communication, que debaterá a questão da nova ordem internacional da informação e da comunicação.

LUIZ BELTRÃO (BR) - Está preparando o projeto do II Curso de Especialização para Graduados em Comunicação, a ser promovido pelo CUEB.

GAUDÊNCIO TORQUATO (SP) - Participa, com duas contribuições, da Antologia de Comunicação Social, publicada recentemente pela Editora Sugestões Literárias.

ANA MAE BARBOSA (SP) - Realizou, em julho, viagem de estudos à África, tendo pronunciado conferências na Guiné-Bissau sobre o problema da arte-educação.

MARTINA ALVES D'AZEVEDO (RS) - Está em Quito (Ecuador) participando, a convite do CIESPAL, de um curso sobre planejamento e pesquisa da comunicação. O programa tem duração de dois meses.

ISMAR DE OLIVEIRA SOARES (SP) - Concluiu a primeira fase de ampla pesquisa sobre os meios de comunicação pertencentes à Igreja Católica no Brasil, que está sendo por ele coordenada a pedido do setor de Comunicação Social da CNBB.

ALOISIO FRANCA DA ROCHA FILHO (BA) - Defendeu tese de mestrado na ECA-USP sobre a televisão brasileira. A banca examinadora foi constituída pelos professores doutores Hiroshi Saito (orientador), Anamaria Fadul e André Casquel Madrid.

Noticiário das Escolas de Comunicação

UFAL - O Curso de Comunicação da Universidade Federal de Alagoas publicou o primeiro número do seu jornal-laboratório - SECOM - realizando ampla cobertura sobre um seminário ocorrido em Maceió no primeiro semestre.

UFPE - O Curso de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco está propondo à direção da universidade a criação de uma nova habilitação em rádio e TV, que deverá substituir a antiga habilitação polivalente.

UFMA - O chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, Prof. Raimundo Costa Viana, realizou, em julho, viagem de estudo às universidades do nordeste, observando a sistemática de funcionamento dos cursos de comunicação.

CEUB - O Curso de Comunicação Social do Centro de Estudos Universitários de Brasília está organizando o II Curso de Especialização para Graduados em Comunicação, previsto para o final deste ano. Esse curso privilegiará o estudo da Comunicação Governamental e das Relações Públicas.

IMS - A Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo (SP), está iniciando um programa de relações públicas comunitárias, sob a forma de projeto experimental do Curso de RP. Aquela faculdade já mantém programa semelhante na área de jornalismo, através do Rudge Ramos Jornal.

FCSL - A Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero recebeu dirigentes dos cursos de comunicação de São Paulo e de outras cidades para um debate com membros do CFE, no dia 17 de agosto, sobre a crise dessa área do ensino superior.

ESPM - A Escola Superior de Propaganda e Marketing perdeu, o seu diretor, Prof. Otto Scherb, falecido no início de junho.

UNIMEP - O Laboratório de Recursos Áudio-visuais do Curso de Comunicação Social da Universidade Metodista de Piracicaba (SP) está editando diariamente um telejornal - Jornal da Gente, exibido aos alunos do curso no intervalo das aulas. Por sua vez, os alunos da

disciplina de pesquisa de opinião estão realizando uma pesquisa sobre o perfil do novo reitor daquela instituição.

UFSC - O curso de Comunicação Social da UFSC está realizando a experiência de ter seus destinos dirigidos por um conselho formado por todos os professores, estudantes em igual número dos professores e uma representação de funcionários. O conselho reúne-se semanalmente e decide sobre todos os assuntos concernentes ao curso. A experiência tem sido considerada bem sucedida pelos elementos envolvidos.

FACOS - Realizou, com o patrocínio da Sociedade Visconde de São Leopoldo, curso de atualização de administração de relações públicas, ministrado pelo professor dr. Cândido Teobaldo de Souza Andrade, no final do mês de agosto.

Serviço

BOLSAS PARA GRADUANDOS E GRADUADOS EM COMUNICAÇÃO

O Instituto Latinoamericano de Estudos Transnacionais (ILET) e a Federação Latino-Americana de Jornalistas (FELAP) estão realizando concurso para conferir uma Bolsa de Estudos a graduados em jornalismo ou a estudantes do último ano. A Bolsa tem o nome do jornalista Genaro Carnero Checa, ex-secretário geral da FELAP, falecido no ano passado na Cidade do México. A Bolsa consiste no oferecimento de passagem de ida e volta ao México, estadia e alimentação durante três meses (estimadas no valor de 600 dólares mensais). Os interessados deverão encaminhar ao ILET, - Apartado postal 85-025, Mexico 20, DF) um projeto de pesquisas a ser realizado naquele instituto sobre um dos seguintes temas: a) papel dos jornalistas e de suas organizações na democratização das comunicações; b) experiências de comunicação alternativa; c) história do jornalismo na América Latina e Caribe; d) formação e treinamento de jornalistas; e) efeitos sociais e profissionais das inovações tecnológicas em matéria de comunicações. O ganhador da bolsa deverá também realizar viagens pelas cidades do interior mexicano, visitando sindicatos e organizações profissionais.

NOVA REVISTA FRANCESA DE COMUNICAÇÃO

Sob a direção de Francis Balle e Jean-Marie Cotteret, foi lançada em Paris, uma nova publicação periódica dedicada à comunicação social. Trata-se de Les Cahiers de la Communication, editada por Dunod, e que pretende adotar uma linha inter-disciplinar. As assinaturas podem ser obtidas, ao preço de 265 francos, junto à CDR - Centrale des Revues - BP nº 119, 93104 Monteuil Cédex - France.

CANADÁ OFERECE BOLSAS

O Conseil des Arts du Canada está oferecendo bolsas de estudo para todas as áreas, sem restrição. As bolsas são de dois tipos: scholarships para aperfeiçoamento (um ano acadêmico) e fellowships de trabalho livre de pesquisa (um ano). O Conseil custeia viagem e oferece uma mensalidade. Formulários de inscrição podem ser obtidos junto à Embaixada do Canadá (Setor de Diversões Sul, Edifício Venâncio IV, 6º andar, 70000, Brasília, DF).

Ensino

AS VITÓRIAS DO EMDECOM E AS PERSPECTIVAS DA LUTA

Constituído em 14 dos 17 Estados em que há escolas de comunicação, o Movimento em Defesa dos Cursos de Comunicação fechou o primeiro semestre com amplos motivos para comemorar seu sucesso. No início de agosto, em reunião realizada com diretores de cursos, os membros da comissão especial do CFE confirmaram oficial e publicamente que a ameaça de extinção dos cursos de comunicação está afastada. Sem dúvida, a rápida e ampla mobilização organizada pelo EMDECOM foi fator significativo para o recuo a que o CFE se obrigou, manifestado também na abertura da comissão para a entrada de novos membros representando a comunidade acadêmica e a profissional. Contudo, o EMDECOM continuará existindo. Novas reuniões já foram realizadas, o boletim nº 2 editado e a perspectiva agora é a de se discutir a efetiva melhoria do ensino. O EMDECOM e a ABI promoverão em outubro um seminário sobre "Comunicação, uma questão política no Brasil de hoje", em que diversos aspectos relacionados aos cursos serão examinados por personalidades de todo o Brasil. Assim, bem sucedido em sua primeira fase, o EMDECOM prossegue suas

atividades para manter sua luta por um novo ensino de comunicação no Brasil.

V ENECOM FOI UM SUCESSO

Com a presença de 800 representantes de 42 dos 62 cursos de Comunicação existentes no Brasil, realizou-se em julho, em Salvador, o V Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação (ENECOM). Na avaliação final, os participantes foram unânimes em considerar o evento como mais um avanço para o movimento estudantil nacional e principalmente para as lutas específicas das escolas de comunicação do País. O ENECOM apoiou, mais uma vez, integralmente o Movimento em Defesa dos Cursos de Comunicação e tomou uma série de decisões para concretizar esse apoio. A questão da eventual extinção dos cursos foi o assunto mais discutido no Encontro, que deliberou também enviar um representante oficial dos estudantes para participar da comissão especial do CFE. Diversas moções contra o terrorismo, contra o desemprego, pela anistia a todos os refugiados estrangeiros, entre outras foram igualmente aprovadas pelo ENECOM.

O CUSTO DO CURSO MAIS BARATO DO MUNDO

Anunciado como "o curso mais barato do mundo", o telecurso 1º Grau da Fundação Roberto Marinho já custou aos cofres públicos pelo menos 1 bilhão de 350 milhões de cruzeiros só em verbas federais diretas repassadas pelo MEC à Fundação Roberto Marinho. A denúncia está em matéria assinada por Nilson Lage e publicada na edição de agosto de 1981 do alternativo gaúcho Coojornal. A quantia é maior do que toda a dotação orçamentária para o ensino supletivo do País. Além dela, a Fundação pode arrecadar cerca de 1 bilhão e 320 milhões de cruzeiros com a venda do Jornal do Telecurso e tem à sua disposição diversas outras fontes de captação de recursos concedidas pelo MEC. Segundo a matéria de Lage, "o lançamento do Telecurso 1º Grau representou praticamente a liquidação da área de produções educacionais, até então considerada a principal razão de ser do Centro Brasileiro de TV Educativa".

GOVERNO OBRIGADO A RECUAR

O projeto de transformação das universidades federais autárquicas em fundações foi abandonado pelo MEC após a pronta e enérgica reação da comunidade acadêmica de todo o País. A Associação Nacional

dos Docentes de Ensino Superior (ANDES), a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a Federação das Associações de Servidores das Universidades Brasileiras (FASUBRA), numa inédita ação conjunta repudiaram o projeto e até o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) demonstrou ao ministro general Ludwig sua insatisfação com a idéia. Diante da unanimidade de professores, estudantes, funcionários e até dirigentes universitários, ao MEC não restou outra saída senão o recuo, oficialmente anunciado pelo general Ludwig em julho, durante a reunião plenária do CRUB. Na ocasião, o general propôs uma vaga "reforma gerencial" como solução para a crise do ensino superior brasileiro, prontamente contestada pela ANDES. A Associação dos Docentes acredita que a única solução são mais verbas para a educação, pois "reforma gerencial só se justifica na medida em que as universidades tenham recursos e meios para implantá-la", segundo seu presidente, professor Osvaldo Maciel.

ORÇAMENTO DO MEC É TESTE DECISIVO PARA LUDWIG

A SEPLAN destinou ao MEC no orçamento da União para 1982 um teto de 41 870 bilhões de cruzeiros. O MEC pediu uma suplementação de 65,2 bilhões de cruzeiros. Do êxito ou fracasso da reivindicação do MEC pode depender uma avaliação definitiva do prestígio do ministro general Ludwig. Tendo obtido em sua gestão o que seu antecessor Eduardo Portela jamais sonhara conseguir, Ludwig passa agora por seu teste decisivo, tanto mais importante depois que seu protetor, general Golbery, afastou-se do poder.

APOSENTADORIA: UMA VITÓRIA AMEAÇADA

Uma das raras conquistas parlamentares das oposições brasileiros nestes últimos 17 anos, a aposentadoria especial para os professores está ameaçada por declarações do presidente Figueiredo feitas em São Paulo no mês de agosto. Apesar da aprovação do projeto que concede aposentadoria às professoras aos 25 anos de serviço e aos professores aos 30 (obtida graças a um acordo entre os partidos de oposição e o PDS, no final de junho, após intensa mobilização dos docentes de todos os níveis), Figueiredo alega falta de recursos para não cumprir a medida. Embora ainda não tenha sido oficialmente anunciada, a disposição de Figueiredo de não cumprir a lei já está provocando reações dos professores e suas entidades de categoria prometem resistir para que a decisão do Congresso Nacional seja mantida.

II CONAD TEVE ÊXITO ABSOLUTO

Com expressiva representatividade (48 associações de todos os Estados), reuniu-se em julho, em Salvador, o Conselho Nacional das Associações de Docentes, órgão da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior. Foi a segunda reunião do CONAD desde a fundação da ANDES no início deste ano e importantes decisões foram tomadas em seu decorrer. Dentre elas, a principal foi a que lançou uma Campanha Nacional em Defesa da Educação, com uma semana de mobilização marcada para 21 a 25 de setembro e um dia nacional de paralisação, 23 de setembro. A Campanha girará em torno de três eixos e nove reivindicações específicas: 1. pelo ensino público e gratuito para todos e contra a privatização do ensino (pela expansão da rede pública, contra a implantação do ensino pago nas escolas públicas e contra a transformação das autarquias em fundações); 2. pela autonomia e democratização da Universidade (pela exclusão das universidades do decreto 6733, por eleições diretas dos dirigentes universitários e pela imediata extinção das ASIs) e 3. por melhores condições de trabalho (pela estabilidade no emprego, por um índice único de reajuste salarial sem escalonamentos e por reajustes semestrais extensivos aos funcionários públicos).

AUMENTOS CAUSAM EVASÃO DAS PARTICULARES

Os números ainda estão sendo compilados. Mas não há dúvida de que os constantes aumentos nas anuidades das escolas superiores particulares estão causando um índice de evasão sem precedentes na história recente do ensino superior brasileiro. Apesar disso, o MEC continua concedendo reajustes e negando subsídios às escolas particulares, causando, com isso, danos inegáveis aos estudantes e às próprias universidades.

ENSINO PAGO É A NOVA AMEAÇA

O ensino pago nas escolas superiores públicas é a mais nova ameaça que paira sobre o sistema educacional brasileiro. Há muito tempo cogitada, a introdução da cobrança de anuidades nas escolas oficiais tomou corpo definitivamente com a aprovação pelo CFE do parecer elaborado pela conselheira Esther de Figueiredo Ferraz sobre o assunto. O CFE, apesar de se posicionar favoravelmente à medida, julgou que ela ainda não deve ser adotada de imediato, pois considera-a inoportuna no momento. Entretanto, parece clara a disposição do governo de implementá-la a médio prazo, o que, de fato, já tem sido

verno implementá-la a médio prazo, o que, de fato, já tem sido feito há algum tempo, através da cobrança sucessiva de taxas nas universidades estaduais e federais. A comunidade acadêmica tem mais uma difícil batalha pela frente...

BRASILEIRO NA DIREÇÃO DE ÓRGÃO DA UNESCO

O professor de comunicação Marco Antonio Rodrigues Dias, da Universidade de Brasília, foi eleito diretor da Divisão de Ensino Superior da UNESCO, no último mês de agosto. Rodrigues Dias assumirá seu novo cargo em setembro. Os três principais projetos sob sua responsabilidade nos próximos anos serão: uma avaliação das principais reformas de ensino superior em aplicação nos vários países do mundo, um amplo estudo sobre os problemas de financiamento e de melhoria da qualidade do ensino superior e uma pesquisa sobre a função do pessoal do ensino superior e sua contribuição para o progresso econômico e social de cada comunidade.

CRIADA ENTIDADE DOS GRADUADOS EM NAVARRA

A criação de uma entidade integrada por comunicadores sociais a circulação de um boletim de periodicidade semestral e a edição de livros foram as três principais decisões aprovadas no I Encontro Internacional do Programa de Graduados Latino-americanos em Ciências da Informação da Universidade de Navarra, realizado de 13 a 17 de julho último, na cidade de Medellín, Colômbia. Participaram do encontro 64 profissionais de comunicação de toda a América Latina, a maioria jornalistas e professores de jornalismo, entre eles três brasileiros: Eron Brum, jornalista de A Tribuna de Santos e professor da Faculdade de Comunicação de Santos; Maria Alice Maluf, produtora da TV Cultura de São Paulo e professora da Cásper Líbero; e Rosângela Vieira Rocha, assessora de imprensa da Companhia Nacional de Alimentação Escolar, em Brasília. O Programa de Graduados Latino-americanos desenvolve seus cursos de especialização em Jornalismo - jornal, rádio, televisão e cinema - na Universidade de Navarra, da Espanha, anualmente, no período de janeiro a junho, em convênio com Aktion Adveniat, que fornece as bolsas para profissionais de todos os países da América Latina. O programa foi iniciado em 1972 e já participaram 200 graduados, dos quais 64 estiveram presentes ao I Encontro. O I Encontro constou de conferências com professores da Universidade de Navarra, comunicações dos participantes, intercâmbio de experiências profissionais e uma mostra de jo-

rnais, livros, revistas e artesanato da América Latina. Na sessão plenária do final do I Encontro os participantes aprovaram a edição de um boletim semestral, em língua espanhola, com circulação em toda a América Latina, que veiculará temas referentes a jornalismo impresso, radiofônico, televisado e cinematográfico, além de pesquisa em comunicação, o boletim será impresso na gráfica da Universidade de Navarra, sob a direção do Prof. Dr. Miguel Urabayan. Outra decisão foi a assinatura de um convênio com uma fundação norte-americana para a edição de livros sobre temas de comunicação de âmbito da América Latina. A primeira publicação já se encontra em andamento: um livro sobre os jornais de circulação nacional. Do Brasil constarão os jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil. A segunda publicação, em fase de planejamento, abordará a imprensa regional da América Latina. No encerramento do I Encontro Internacional do Programa de Graduados Latino-americanos foi aprovada a realização de encontros a cada quatro anos, sendo que o próximo será em 1985, em Santiago, Chile. Finalmente, a Universidade de Navarra anunciou um convênio com a Universidade de Colúmbia, de Nova Iorque, para a realização de curso de reciclagem em Jornalismo durante sete semanas do próximo verão (junho a setembro), para profissionais da América Latina.

Pesquisa

MUITA DISCUSSÃO SOBRE FINANCIAMENTO

O financiamento à pesquisa no Brasil tem sido objeto de muita discussão. Na segunda quinzena de junho, um simpósio sobre o assunto foi realizado na Universidade de São Paulo, reunindo trinta especialistas que concluíram que os gastos com importação de tecnologia (12 bilhões de dólares nos últimos dez anos) seriam melhor empregados no financiamento à pesquisa no País. A principal reivindicação dos pesquisadores é poder ter liberdade para escolher os objetos de suas pesquisas, independentemente da vontade do órgão financiador. O MEC, por sua vez, está travando uma batalha surda com a SEPLAN, no sentido de transferir para as universidades a responsabilidade sobre esse financiamento, deixando-as livres das imposições da FINEP, que é quem responde por 90% dos recursos aplicados em pesquisas nas instituições de ensino superior. Mas, pelo menos até aqui, o ministro Ludwig não conseguiu dobrar o ministro Delfim Ne-

to, Contudo, a discussão está longe de encerrada e o MEC promete apresentar novos trunfos para ver transferida para sua alçada a responsabilidade pelo financiamento das pesquisas.

PELA RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA DA IMPRENSA PAULISTA

A Folha de S. Paulo publicou em sua edição de 21 de julho artigo assinado por Ernani Silva Bruno em que são relatados os esforços do jornalista Paulo Pompeu no sentido de dotar a imprensa paulista de uma espécie de "centro de memória" ou "museu jornalístico". Pelo que se pode depreender da matéria, trata-se de uma iniciativa ainda em estado embionário e que terá obstáculos tremendos a transpor até chegar a algum resultado concreto. Entretanto, não se pode ignorar a importância da iniciativa e a necessidade do apoio por parte de todos os que se interessam pela imprensa e pelo jornalismo. São 154 anos de história da imprensa que precisam ser recuperados e preservados. Se este objetivo for alcançado, os pesquisadores disporão de um notável acervo de informações riquíssimas a respeito do passado do Estado de São Paulo e do próprio País. O artigo de Silva Bruno aponta para diversas fontes de coleta de informação para o início deste trabalho. Contudo, é necessária uma articulação de esforços de maiores dimensões, dadas as proporções imensas das dificuldades para a consecução de tal projeto.

GAÚCHOS TÊM O SEU MUSEU DE COMUNICAÇÃO

Enquanto os paulistas começam a se articular para a formação do seu centro de memória de imprensa, os gaúchos prosseguem no trabalho de já sete anos da construção do seu. No dia 10 de setembro de 1974, foi criado o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, que hoje funciona na Rua dos Andradas, 959, 2º andar, em Porto Alegre, onde funcionou o jornal A Federação. O acervo já conta com diversas coleções de jornais que estão sendo classificadas e catalogadas. O Museu tem realizado exposições especiais e tem parte do seu acervo em mostra permanente. Embora disponha de periódicos de todo o Brasil, e até de países da América Latina, o principal elemento do acervo são os jornais e revistas do Rio Grande do Sul.

O DISCO REVIVENDO A HISTÓRIA

Duas importantes iniciativas de reconstituição histórica em discos

vieram a público nos meses de junho a julho. Uma é a História da Gravação Publicitária, idéia de alguns publicitários ligados ao Clube de Criação do Rio de Janeiro. Um álbum duplo contendo trilhas sonoras de programas famosos do rádio e da TV e os mais populares "jingles" da história do rádio e da TV estará nas lojas a partir de setembro. A segunda iniciativa é Revolução de 30 - Uma Visão Através da Música Popular, patrocinada pela Fundação Roberto Marinho e pelo SESC de São Paulo. O disco tem 12 faixas, com músicas a respeito da revolução de 30 e pode ser adquirido nas unidades do SESC em São Paulo.

OS ASPECTOS AMBÍGUOS DA VIOLÊNCIA NO VÍDEO

O sociólogo Gisálio Cerqueira Filho apresentou no Folhetim de 16 de agosto de 1981 uma súmula da pesquisa realizada por Inês Valderara e Irma Angarita para a Universidad Externado da Colombia, em Bogotá. Em seu estudo, Valderrama e Angarita trabalham com o problema da violência na TV colombiana, comparando a criminalidade legal no país com os delitos apresentados na TV. E observaram que a TV privilegia apenas alguns tipos de delitos, exatamente aqueles mais comuns na vida real. Os delitos contra a propriedade, "que mais claramente refletem os conflitos gerados pela existência de uma profunda desigualdade social", são radicalmente reduzidos na TV. Entretanto, os que se referem à vida e à integridade pessoal, "que afetam indistintamente a quaisquer classes e portanto a questão da desigualdade social não se coloca", apresentam um percentual três vezes maior que o da vida real. As reflexões de Cerqueira Filho a respeito das conclusões do trabalho de Valderrama e Angarita merecem a ponderação dos estudiosos dos fenômenos de comunicação.

Veículos

A IMPRENSA E O RIOCENTRO

A demissão do general Golbery e a revelação de que ele teria estado a favor de investigações honestas a respeito do acidente de trabalho no Riocentro, sendo contestado nessa ambição pelos setores mais à direita do Exército, ajudam a compreender melhor o desempenho da imprensa em todo o episódio. Parece agora evidente que a co

ragem estupenda demonstrada pelos grandes jornais logo no princípio do caso, contrapondo-se às versões oficiais do I Exército, foi estimulada por quem, julgava-se na época, era o mais fiel intérprete dos pensamentos do presidente Figueiredo. Os grandes jornais devem ter ido buscar consentimento para sua audácia na mesma fonte do senador Nilo Coelho, que dois dias depois do acidente anunciava da tribuna do Senado que o presidente Figueiredo iria esclarecer a Nação a respeito do assunto e punir os culpados. Parece, hoje, claro que o episódio Riocentro acabou se transformando em severa derrota política para o general Golbery, tanto que ele iria apear-se do poder em agosto. A medida em que o desgaste do general Golbery ia ficando mais visível (bem como suas causas mais profundas), o comportamento da imprensa começou a se modificar em relação ao Riocentro. Assim, quando os resultados do inquérito foram divulgados no início de julho, alguns órgãos (Veja e Folha especificamente) nem ao menos deram ao assunto o destaque que merecia e que havia sido dado até então. A manchete principal da Folha de S. Paulo no dia 2 de julho foi a respeito de uma insípida notícia sobre o auxílio do governo federal aos Estados. E Veja, em sua edição de 8 de julho, não deu capa para os resultados do inquérito. Apenas premiados pela concorrência (Isto É, Jornal do Brasil e O Estado de S. Paulo) que não deixou a peteca cair é que Veja e Folha voltaram a abordar o Riocentro com maior ênfase. Contudo, mesmo no caso do JB, que continuou fazendo a melhor cobertura, desmontando ponto por ponto as mentiras do inquérito, notou-se uma modificação de comportamento substancial. Os corajosos editoriais do início de maio, em que a apuração das responsabilidades era exigida em nome da Nação, foram substituídos por outros, em que a tônica era exatamente a oposta: "vamos tratar de esquecer tudo, nós sabemos que o inquérito não é verdadeiro, mas deixa prá lá". Os próprios títulos dos editoriais (como manda a melhor norma do jornalismo opinativo) não deixam a menor margem a dúvidas sobre a posição do jornal: "Página Virada" (logo após a divulgação do inquérito) e "Arquive-se" (uma semana depois). Ficava claro para as direções dos grandes órgãos de nossa imprensa que a posição do general Golbery, que antes lhes havia estimulado o sendo de dever), já não era mais majoritária no Palácio. Portanto, a cautela com que passaram a se portar depois do anúncio do resultado do inquérito era justificada, embora incompreensível para a maioria dos leitores. Mesmo assim, o Jornal do Brasil, o Estadão e Isto É, principalmente o primeiro, desmoralizaram a versão oficial, talvez como uma tentativa de fechar com chave de ouro sua participação no caso. Mas o problema é que o ca-

so não estava encerrado, como todos pareciam pretender. Um juiz, Edmundo Franca de Oliveira, acometido por dúvidas morais (e talvez impellido pelo grupo do general Golbery num último alento para inverter a tendência dentro do Palácio), resolveu duvidar do inquérito no final de julho. Era a grande oportunidade para a imprensa reter o assunto com todo o ímpeto. Mas isso não aconteceu. Com a provável exceção de Isto É (na edição de 29.7.81), nenhum outro órgão deu às dúvidas e intenções do juiz-auditor a menor repercussão. Veja simplesmente as ignorou. Os jornais diários, por estrito dever de ofício, as registraram em pequenas notas internas. O colunista M.P., da Folha de S. Paulo (na edição de 27.7.81), constatou, surpreso e decepcionado: "...mesmo a imprensa, a cujo trabalho se deceu o desmonte da farsa armada desde o primeiro dia, pouco destaque dedicou ao novo episódio, além do registro obrigatório que dele fez, quase sempre em páginas internas ...". O juiz-auditor solicitou ao menos que a parte do inquérito que se referia à segunda bomba não fosse arquivada. Não foi atendido. A imprensa esqueceu o assunto. O capitão Wilson Machado teve alta, o Jornal do Brasil registrou discretamente. Golbery caiu e ficou mais fácil compreender a evolução da cobertura da imprensa. Contudo, quando se fechava esta edição do Boletim Intercom, um novo dado, inesperado porque a ausência de cobertura da imprensa não havia preparado os leitores para esta possibilidade, veio dar novos contornos ao caso do Riocentro: o juiz corregedor da Justiça Militar, Célio Lobão Ferreira, pediu ao STJ o desarquivamento do inquérito e concluiu pela instauração de ação penal contra os autores da explosão da bomba no Puma, entre os quais ele arrolou o Capitão Machado. Os grandes jornais leram a notícia em chamadas discretas de primeira página, mas não se manifestaram em editoriais até o fechamento desta edição. Não agiram como fizeram quando do episódio de juiz-auditor (ou seja, não jogaram o fato para as páginas internas). Mas também não agiram como quando do estouro da bomba (ou seja, não colocaram o fato nas manchetes principais). Estão em dúvida, avaliando a correlação de forças para decidir como melhor proceder. Como quase todos os brasileiros, aliás. (Carlos Eduardo Lins da Silva)

O ESTRANHO CASO DO URÂNIO

Uma das mais sensacionais polêmicas a respeito de fatos já ocorrida na imprensa brasileira foi a que envolveu, de um lado os jornais do grupo O Estado de S. Paulo e o correspondente do jornal inglês The Guardian no Brasil e, de outro, o Jornal do Brasil, a Folha de

S. Paulo e praticamente todo o resto da grande imprensa. Tudo começou quando o jornal The Guardian publicou, dias depois do ataque israelense à central nuclear do Iraque, no final de junho, matéria de seu correspondente brasileiro, Bernardo Kucinsky, segundo a qual o Brasil teria vendido urânio ao Iraque, denunciando pelo menos uma remessa que teria ocorrido em janeiro deste ano. Depois disso, o governo israelense faria denúncia parecida. E, dias depois, o jornal O Estado de S. Paulo iniciaria uma série de reportagens (também publicadas no Jornal da Tarde) coordenada por Paulo Andreoli, em que fatos e mais fatos, todos devidamente documentados, provaram que o Brasil remeteu urânio para o Iraque. Contudo, as acusações do Estado foram desmentidas pelas autoridades. E alguns dias depois do início das reportagens, o Jornal do Brasil, através de seu correspondente em Israel, Mário Chimanovitch, insinuou que a informação sobre a remessa de urânio poderia ter sido "plantada" pelo serviço secreto israelense, o Mossad, pois ele próprio, Chimanovitch, havia sido procurado por um agente do Mossad que queria lhe passar a informação. O correspondente da Folha de S. Paulo nos Estados Unidos, Paulo Francis, também insinua que o Estado está a serviço dos israelenses. Estabelecida a confusão, não faltaram acusações em que o nível ético dos envolvidos andou bem rastejante. O Estado acusou Chimanovitch de desonestidade e até, num editorial do JT, de já ter sido preso, o que, evidentemente nada tinha a ver com a questão em discussão. A Folha de S. Paulo e Isto É fizeram acusações infundadas contra Bernardo Kucinsky, que apelou ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de S. Paulo, o qual formou uma comissão para estudar o caso e concluiu pela lisura absoluta do desempenho profissional de Kucinsky. Uma série de problemas profissionais podem ser levantados a partir desta polêmica: a questão da fonte, sua identificação, sua credibilidade parece ser a mais candente. Os padrões éticos de comportamento também poderiam ser analisados mais a fundo a partir das constatações feitas nesta polêmica. Mas o que não se pode deixar de registrar é o fenomenal esforço de jornalismo investigativo feito pelos repórteres de O Estado de S. Paulo coordenados por Paulo Andreoli, que manteve o assunto aceso durante semanas, com uma farta coleção de documentos e provas, num extraordinário trabalho, ainda mais levando-se em conta as dificuldades de obtenção de informações em assunto tão explosivo, literalmente, como este. (Carlos Eduardo Lins da Silva)

GRANDE IMPRENSA, GOLBERY E TRABALHADORES

Agosto de 1981 deverá entrar para a história do Brasil, mas não pela queda do ministro Golbery do Couto e Silva, como um "brazilianist" desavisado poderia concluir de uma leitura dos jornais da grande imprensa deste mês. Apesar do imenso destaque dado à queda de Golbery durante semanas pelos jornais e revistas e do mínimo espaço reservado para a realização da Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras, é este e não aquele acontecimento que mais influências terá para o futuro do País. A cobertura irrisória que Folha, Veja, Estado, Isto É, Globo e Jornal do Brasil deram para a primeira reunião nacional de trabalhadores de todas as categorias em 17 anos é sintomática de uma imprensa de classe que teme as ações de outras classes e, ignorando-as, pretende eliminar sua presença. O encontro de cerca de 6000 trabalhadores de todos os Estados da Federação, incluindo poderosas representações das classes médias e dos camponeses não mereceu mais do que parcas colunas nas páginas internas dos grandes jornais e revistas. A Folha e o JB na segunda-feira, dia 24, abriram chamadas de primeira página, sendo que a Folha foi quem maior destaque deu às conclusões da CONCLAT (o JB, por sinal, "comeu barriga", noticiando que Lula e Joaquinção estavam juntos na comissão executiva de organização da CUT, quando, na verdade, Joaquinção acabou ficando de fora). Interessante, ainda, é a abordagem que quase todos os grandes jornais deram para o final da CONCLAT: os títulos davam destaque a uma pretensa divisão, falta de consenso, quando o texto deixava claro que uma solução de consenso havia sido obtida e aceita por todos os delegados. Aliás, a tônica da cobertura da grande imprensa à CONCLAT já havia sido oferecida com antecedência por um rancoroso texto de Veja, em sua edição de 12/8/81. Encabeçado por uma foto mostrando os líderes sindicais Djalma Bom e Alemão brigando em São Bernardo do Campo, o pequeno e odioso texto dava a entender que novas cenas de pugilato se dariam na CONCLAT, insinuando que este é o resultado de qualquer encontro entre trabalhadores. Ao contrário de tudo isso, os grandes jornais e revistas deram todo o espaço possível para a crise intestina do governo que resultou na demissão do general Golbery. Criando um mito de Golbery, moldando-o como um grande defensor da democracia e capeão das liberdades, ignorando por completo o papel dos agentes sociais na construção da história do País (como se indivíduos fossem os responsáveis exclusivos por ela) e correlação política de forças existentes na sociedade brasileira (dando a entender que os melhores indicadores a respeito das tendên-

cias para o futuro político brasileiro são nomes de pessoas), a grande imprensa ofereceu ao público uma cobertura mistificadora dos fatos e de grande superficialidade. Felizmente, a imprensa Alternativa (nem toda ela, é evidente, com Movimento se destacando pelo aprofundamento analítico) trataram de colocar as coisas em suas devidas proporções, dando uma ampla cobertura à CONCLAT e reduzindo a queda de Golbery às suas reais dimensões de disputa interna de gabinete. Pena que a maior parte da população não tenha acesso à imprensa alternativa. (Carlos Eduardo Lins da Silva)

SOCIÓLOGOS QUEIXAM-SE DE COBERTURA

Quem também andou se queixando da cobertura da grande imprensa foram os sociólogos paulistas que, também em agosto, realizaram seu I Congresso Estadual, reunindo 900 profissionais, depois de 27 anos sem nenhum encontro similar. José Alvaro Moisés publicou na Folha de S. Paulo (19/8/81) um artigo no qual se lamenta da quase absoluta omissão da grande imprensa diante do acontecimento, perguntando: "quem tem medo dos sociólogos?".

JB RECONHECE ERRO NA PRIMEIRA PÁGINA

Se a Folha merece elogios por ter permitido que um artigo criticando sua cobertura fosse publicado em sua página 3 (ver nota anterior), o Jornal do Brasil andou ousando mais em termos de humildade. Na primeira página de sua edição de 15/8/81, ele publicou uma nota cujo título foi "JB errou no que Jair Soares disse de Delfim". Nela, e nas páginas internas em ampla matéria, o JB se retrata de matéria publicada na véspera, também na primeira página, na qual eram atribuídas ao ministro Jair Soares críticas severas contra o ministro Delfim Neto. Tanto no caso da Folha como no do JB convém lembrar que se tratava de assuntos envolvendo ou as classes médias (o episódio do congresso dos sociólogos) ou o centro do poder (o de Jair Soares). É duvidoso que qualquer um dos dois jornais tivesse procedimento similar se se tratasse de assunto envolvendo as classes operária ou camponesa.

DISCORDÂNCIAS ENTRE VEJA E ISTO É

O número 7 da nova fase da revista Careta publicou matéria em que são apontadas profundas discrepâncias de informação e enfoque notadas entre as coberturas de Veja e Isto É no caso do jornalista An-

tonio Chrysóstomo, que está sendo acusado de estruprar uma garotinha. Enquanto Veja apresenta Chrysóstomo como se já tivesse sido julgado e condenado, omitindo evidências que podem provar sua inocência e ressaltando pejorativamente sua condição de homossexual, Isto É mostra o episódio de forma aparentemente mais isenta. A confrontação dos títulos e de pedaços dos textos das duas revistas feita por Careta dá uma boa dimensão da "neutralidade" da grande imprensa.

12 ANOS DE PASQUIM

"Doze anos é a idade ideal dos bons whiskies - no grande jornalismo é pouco". Assim Alberto Dines iniciou seu artigo no Pasquim nº 626, em que se comemorou o décimo-segundo aniversário do decano da imprensa alternativa contemporânea. Dines relembrou a prisão coletiva da diretoria em 1969, as seis apreensões, os seis anos de censura prévia e outras dificuldades por que passou o jornal, realçando a importância da sua permanência: "O Pasquim continua sendo apesar de tudo, o jornal a quem se recorre na hora do aperto. Os que não têm tribuna, prancheta, máquina de escrever, lauda de papel e sobretudo, lugar ao sol, aqui encontram seu lugar. É um jornal de humor, às vezes grosseiro, mas é também o jornal da santa indignação, da saúde moral, da independência, canto onde cantam os marginais".

A MORTE DE LAMPIÃO

Durou pouco mais de três anos a experiência pioneira de um jornal homossexual no Brasil. Na sua edição de nº 37, terminou Lampião, que nos seus bons tempos chegou a vender 15 mil exemplares, reduzidos a menos de 8 mil nos últimos meses. Lampião morreu devido a divergências internas na redação, principalmente devido às brigas entre os paulistas e cariocas. Tendo contado com a colaboração de importantes intelectuais como Aguinaldo Silva, Peter Fry, Darcy Penteado, João Silvestre Trevisan, entre outros, Lampião foi sempre um jornal do mais alto nível técnico. Seus sucessores, agora sem concorrência, na imprensa "gay" nunca chegaram perto da qualidade de Lampião. Aguinaldo Silva, o editor de Lampião, contudo, promete para breve uma revista para os homossexuais na mesma linha do finado jornal.

AS MENTIRAS DO HORA DO POVO

Em artigo assinado por João Machado, o jornal Em Tempo (de 12/8 a 2/9 de 1981) analisa a utilização política da mentira feita pelo seu concorrente Hora do Povo. A troca de ofensas entre jornais da imprensa alternativa atingiu momentos culminantes com as eleições para os sindicatos dos metalúrgicos de São Paulo e de São Bernardo do Campo. Apesar de Em Tempo estar ligado a uma das facções em disputa, produziu através de Machado uma peça jornalística sóbria, em que os abusos do HP (como considerar o candidato da oposição metalúrgica Waldemar Rossi um agente de Satanás, quando não o próprio, e acusar o presidente do PT, Luis Inácio da Silva de aliado dos patrões e do governo) são registrados e interpretados. A matéria é completada por artigo de David Frankel sobre a cobertura do jornal soviético Pravda à situação atual na Polônia, tentando-se estabelecer um paralelo entre a linha editorial do Pravda e a do HP. Trata-se de interessante contribuição para quem se dispuser a estudar o fenômeno jornalístico do Hora do Povo.

OS CUPONS COMO SALVAÇÃO DA IMPRENSA

Os grandes jornais brasileiros todos já aderiram à iniciativa de "marketing" que pode livrá-los definitivamente dos sustos da recessão: os cupons de descontos publicados em duas edições e utilizáveis no comércio das cidades onde circulam. A novidade começou em julho nos grandes jornais cariocas e em agosto já estava espalhada por todas as grandes capitais, com resultados considerados extraordinários, tanto para o comércio como para os jornais. A responsável pela introdução do sistema de cupons (largamente difundido nos Estados Unidos há muitos anos) é a empresa Promopack, ligada à norte-americana A.C. Nielsen (a mesma das pesquisas de opinião). Nos Estados Unidos, a Nielsen controla 60% do mercado de cupons que movimentam cerca de 1 bilhão de dólares por ano. Os cupons não só estão compensando a queda da publicidade nos jornais diários observada nos últimos semestres, como também têm sido apontados como responsáveis pelo súbito aumento da venda avulsa registrado na maioria dos grandes jornais nas semanas posteriores à sua adoção.

VEJA E ESTADÃO QUEBRAM RECORDES

Veja ultrapassou a marca dos 500 mil exemplares de tiragem em seu número 670 e consolidou, assim, sua posição de revista de maior per-

netração no País. De acordo com suas pesquisas, os 510 000 exemplares colocados no mercado representam um público leitor acima de 4 milhões de pessoas. O Estadão, por sua vez, antes parcimonioso na divulgação dos números de sua tiragem e circulação, em agosto também alardeou quebras de recordes: no domingo, dia 9, registrou em sua primeira página a superação da marca dos 400 mil exemplares e, uma semana depois, anunciava uma tiragem de 413 594 exemplares. A venda avulsa do Estadão após o início da publicação dos cupons de desconto aumentou 20% em relação ao mês anterior.

ESTADO INICIA EDIÇÃO DE LIVROS

Um velho sonho de O Estado de S. Paulo começa a se concretizar: a aplicação de seus negócios editoriais no caminho dos livros. O primeiro já está nas livrarias, com êxito relativo: A História Vivida (I) reúne uma série de entrevistas com grandes personalidades publicadas pelo jornal sob a rubrica "Documento", durante várias semanas, nas edições dominicais do ano de 1979. O volume, assim como a série de entrevistas, foi coordenado por Lourenço Dantas Mota, nele se encontrando alguns dos depoimentos mais importantes já registrados pela imprensa brasileira.

VOZ DA UNIDADE PASSA POR TRANSFORMAÇÃO

O jornal Voz da Unidade passou por profundas transformações durante o mês de julho. Praticamente toda sua redação se demitiu, a começar pelo secretário de redação Gildo Marçal Brandão. A causa da demissão coletiva foi a divergência que havia entre os membros da redação e os do conselho de direção do jornal sobre a linha editorial a ser seguida. Enquanto os primeiros queriam fazer um jornal de debates, voltado para o grande público, os segundos queriam um jornal mais teórico, ortodoxo, voltado para a difusão exclusiva das idéias políticas que defende. A julgar pelas primeiras edições após a saída de Marçal Brandão, o Voz da Unidade só perdeu com sua demissão. As edições de números 66, 67 e 68 são feias, maçudas, pesadas e monolíticas. No número 69, um editorial intitulado "Uma proposta para a Voz que queremos" anunciava a nova linha editorial do periódico.

ALTERNATIVOS POLÍTICOS TÊM REVISTA MENSAL

A imprensa alternativa política conta agora com uma revista men-

sal. Trata-se de Brasil Hoje, publicada pela Editora Quilombo e ligada aos mesmos grupos que editam o jornal Hora do Povo. Graficamente bem cuidada (bem mais que o HP) e com um linguajar menos encandalo e agressivo que o do jornal, Brasil Hoje apareceu em seu primeiro número com 68 páginas e um elenco diversificado de matérias. Segundo seu editorial de lançamento, Brasil Hoje pretende ser "uma ferramenta para todos que desejam construir um novo Brasil. Um país onde reinem a democracia, a liberdade, a justiça social, o progresso e a paz na vida de todo o povo".

UM CENTENÁRIO E UMA MORTE NO INTERIOR

O jornalismo do interior brasileiro comemorou um centenário e lanhou uma morte no último mês de junho. O centenário foi do jornal O Mossoroense, da cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil. A morte, a do Correio de S. Carlos, da cidade paulista de São Carlos, que viveu 69 anos e publicou 16572 edições.

TRIBUNA DE ALAGOAS PASSA PARA OS FUNCIONÁRIOS

O jornal Tribuna de Alagoas, que pertencia ao senador Teotônio Vilela, do PMDB, teve seu controle acionário transferido para os profissionais que nele trabalham desde 1979. Vilela passou à condição de simples cooperativado. A decisão se deu devido às dificuldades que o senador estava encontrando para manter o jornal vivo e obter empréstimos junto a instituições governamentais. Os funcionários da Tribuna acreditam que o jornal terá condições de dar um salto qualitativo sem precedentes a partir do início de 1982. (FSP, 23/6/81)

OS JORNAIS DE SERVIÇO

É bastante difícil alguém hoje saber exatamente o número de jornais e publicações que vivem da prestação de serviço. Em quase todos eles uma característica interessante é que são distribuídos gratuitamente. Outros, embora vendidos em bancas, recebem anúncios e informações grátis. É um grande apelo. Essas publicações tratam de quase tudo. Especializam-se na noite, nos roteiros de bares, restaurantes, falam de frivolidades. Muitos são leves, descontraídos, outros irreverentes. Há os sizudos e os miúdos. Outra constatação interessante: alguns deles são vendidos ou distribuídos pelos próprios editores e proprietários, que por sua vez são jornalistas desempregados,

"fritas" eventuais, colaboradores sem salário. É interessante notar também que o "boom" recente deu-se após a greve dos jornalistas de 1979, quando centenas de desempregados botaram a cabeça pra funcionar em benefício próprio. E já existem algumas publicações de conhecido sucesso de público e comprovada competência. Entre essas experiências, que já estariam merecendo estudos maiores, por exemplo, estão o Primeira Mão e o Micro-jornal (com suas variedades). O Primeira Mão, que nasceu Segunda Mão, e tem até computador, presta serviço na publicação de anúncios classificados sobre venda, troca, doação de todo e qualquer objeto, de um navio a um alfinete. Quem deseja comprar um macaco ou uma samambaia, vender uma chave de fendas ou um apartamento, pode anunciar inteiramente grátis. E funciona. Embora não tenha sido possível constatar as fontes de renda que sustentam a publicação, a venda em banca é bastante alta, apesar de custar Cr\$ 70,00. Já o Micro, foi uma das publicações mais irreverentes e miudamente bem feitas que surgiu. Aliás, o Micro inovou e criou o séquito de seguidores, a partir do seu tamanho: pouco menor do que uma folha de papel ofício. Facilita para a leitura, segundo os editores. Citamos essas duas apenas por lembrança. Sabemos que existem dezenas de outras publicações espalhadas pela cidade. Outra constatação: quase todos são semanais e alguns, como o Micro e o Viração (esse conta com a participação do sócio da Intercom, Jonar Moraes), publicam edições distintas, nos Jardins e na Zona Leste. De uma certa forma, essas pequenas publicações de serviço estão colaborando com informações para um público enorme. Aos poucos, eles foram fazendo modificações em suas propostas originais, graças ao sucesso alcançado. O Primeira Mão, por exemplo, era exclusivamente de pequenos anúncios. Hoje apresenta dicas sobre os preços dos alimentos, roteiro de teatros e shows, crônicas e cinema. A especialização dessas publicações pode ser notada também por outros públicos. Existem publicações voltadas para empregos e oportunidades, outras que se dedicam ao mercado imobiliário e até aos concursos públicos. É enfim, uma tentativa de se sair da escravidão do salário e do patrão. Uma idéia que cada desempregado pode tentar. Essa tendência para especialização das publicações esvaziará alguns setores da grande imprensa. Acreditamos que o público dos pequenos anúncios classificados, aquelas pessoas que sempre têm algo para vender, para comprar ou para doar ou mesmo os simples curiosos, adquiriram, por exemplo, um jornal de classificados, preterindo o jornal comum. Os pechinchadores eternos, sempre à cata de um bom negócio, os comerciantes de coisas usadas, de automóveis, deverão preferir uma publicação que reúna mais de 10 mil anúncios do que uma ou-

tra onde o anúncio classificado não é o mais importante. Acharmos que essa especialização tende a crescer e que esse tipo de publicação será importante, principalmente nos períodos de crise econômica, onde o material de "segunda-mão" suplanta os desejos dos "zeiros quilômetros". (Ricardo Rosado de Holanda)

SENHORAS PAULISTAS ACABAM COM AMIZADE COLORIDA

As senhoras de Santana devem ter vibrado recatadamente: quando as séries brasileiras voltaram ao ar para o segundo semestre, Amizade Colorida não estava mais entre elas. A principal vítima das acusações de imoralidade das históricas senhoras de Santana terminou sendo derrotada. O governo não precisou interferir diretamente. A própria Rede Globo se encarregou de acabar com ela. Assim como a Bandeirantes tratou de impor mudanças no enredo e nas falas da novela Rosa Baiana. Mas a discussão sobre a moral e a censura na televisão não parou. Nos meses de junho e julho, a polêmica provocada pela simpática acolhida dada pelo ministro Abi-Ackel ao abaixo-assinado das senhoras paulistas ainda rendeu espaço nos meios de comunicação. Uma das líderes do movimento, Marlene Schmidt Rodrigues ocupou a última página da revista Veja, em sua edição de 17 de junho de 1981. Ali, invocando Deus e a necessidade de salvar crianças e protestando contra os que a acusaram de anti-democrática, Rodrigues clama contra a deturpação do sexo nos meios de comunicação e pede que a censura seja exercida por pais, mães, religiosos e professores, além dos censores profissionais. Um pouco antes, Maria Rita Kehl, no Folhetim (14/6/81) oferecia uma resposta definitiva aos argumentos obscurantistas das senhoras de Santana. Mas, apesar de seus argumentos, assim como os de outros jornalistas e líderes políticos, pelo menos uma baixa na programação da TV brasileira pode ser creditada à ação das senhoras de Santana: a de Amizade Colorida.

BANDEIRANTES CONTINUA PERDENDO PONTOS

O desafio do começo do ano parece estar destinado ao fracasso: a Bandeirantes não está conseguindo se tornar uma ameaça concreta ao domínio da Globo na audiência dos telespectadores. Pelo contrário: seu segundo lugar é que está sendo ameaçado pela TV-S. Apesar de algumas vitórias, principalmente no que se refere à crítica especializada, a programação da Bandeirantes não vem conseguindo conquistar audiências. E as crises se sucedem. Uma das pretensas ar-

ras da Bandeirantes, Mocidade Independente, de Nelson Motta, saiu do ar depois de poucas semanas e Motta se demitiu. O ambicioso telejornal vespertino Cidade Aberta teve que passar por transformações profundas e fala-se da demissão da jornalista Rose Nogueira, que havia deixado a Globo e o TV-Mulher para se dedicar ao projeto. O diretor de programação Clemente Neto foi afastado pelo diretor geral Walter Clark. Sucessos mesmo, na programação Bandeirantes, só a novela Os Imigrantes e o TV-Criança de Daniel Azulay. Enquanto isso, a Globo mantém seu padrão e ainda coleciona novos êxitos, como o Som Brasil, no difícil horário da manhã dos domingos e o musical Geração 80, bem menos inovador mas muito mais bem sucedido que o ambicioso e fracassado Mocidade Independente.

A BRIGA PELA COPA

As redes de televisão trocaram ofensas em enormes matérias pagas nos grandes jornais, a ABERT pediu a interferência do Ministério da Educação e Cultura, mas parece que nada vai tirar da Rede Globo de Televisão a exclusividade para a transmissão dos jogos da Copa do Mundo de Futebol do ano que vem, um dos seus maiores trunfos para permanecer na liderança absoluta da audiência. Houve um acordo internacional no sentido de que só teria direito a transmitir a Copa quem pagasse pela transmissão da Olimpíada de Moscou. Os concorrentes da Globo parecem ter esquecido deste detalhe. E, ao desistirem da transmissão da Olimpíada no ano passado, acabaram perdendo o direito de transmitir a Copa no ano que vem. E a Globo não está disposta a abrir mão de seu privilégio.

UNIÃO JORNAL-TV

A Rede Bandeirantes e a Gazeta Mercantil fizeram um acordo inédito: o jornal produz um programa semanal de entrevistas que é transmitido pela televisão. O programa se chama Crítica & Autocrítica, pretende se transformar no porta-voz oficial do pensamento dos empresários e vem obtendo razoáveis índices de audiência em suas primeiras edições, nas quais surgiram personalidades como Antonio Ermírio de Morais, José Mindlin e Mário Henrique Simonsen. Além disso, a Bandeirantes está estreitando suas relações com o Jornal do Brasil, que perdeu a concorrência pelas estações da antigo Tupi. O JB e a Bandeirantes já estão engajados em algumas promoções de marketing conjuntas e espera-se para breve o anúncio de um amplo esquema de cobertura jornalística comum. Um dos telejornais da Bandei-

rantes, o Atenção já está sendo feito com o auxílio do JB. E o caderno B do JB tem sido cada vez mais simpático e generoso em relação à programação da Rede Bandeirantes.

O EMBASBACAMENTO DIANTE DO PRÍNCIPE

A suntuosa e embasbacada cobertura da Rede Globo ao casamento do príncipe Charles parece confirmar a vocação monarquista do brasileiro. Milhares de pessoas levantaram-se mais cedo para assistirem às núpcias reais. E quem não pôde fazê-lo encantou-se com os resumos oferecidos pelo Jornal Nacional, comentados por Cid Moreira e seu sorriso embevecido. Diga-se, de passagem, que não foi só a televisão que se mostrou embasbacada diante do casamento: também as revistas semanais de informação aderiram ao padrão global de cobertura do acontecimento da nobreza européia.

FANTÁSTICO E A SEITA MOON

O Fantástico levantou a lebre. E, de repente, as sedes da seita Moon começam a ser apedrejadas e destruídas por multidões enfurecidas. Mais uma demonstração do enorme poder da televisão como mobilizador das massas? Aí está um problema para ser desvendado pelos estudiosos dos meios de comunicação e seus efeitos.

DARCY RIBEIRO QUER FAZER TV

Ao contrário da maioria dos intelectuais brasileiros, que à televisão só oferecem o desprezo, mas a exemplo de Jean-Paul Sartre, que ao final de sua vida preferiu se dedicar a ela do que ao livro, Darcy Ribeiro está se oferecendo para escrever uma telenovela. Decidido a seguir os caminhos da ficção e abandonar os da ciência, segundo matéria de Thaís de Mendonça publicada em Isto É (8/7/81), Ribeiro tem como uma de suas metas "ser tão conhecido quanto Jorge Amado" e, para tanto, não há melhor caminho que a televisão.

E A TV-S JÁ ESTÁ NO AR

Numa demonstração de força sem precedentes, a TV-S entrou no ar (e permaneceu) no momento mesmo da assinatura do contrato de concessão dos canais que iria operar. No dia 19 de agosto, através de grandes anúncios nos principais jornais do País, o Sistema Brasileiro de Televisão tornava público o seu nascimento imediato. Chegava ao fim

Publicação da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Rua Augusta, 555 - São Paulo - SP - CEP 01305, realizada com a colaboração do Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo.

1. Obras Gerais

MARX & ENGELS - On the means of communication. Bagnolet, França, IMMPC, 1979.

Seleção de textos organizada e prefaciada por Yves de la Haye sobre a circulação de mercadorias, populações, informações e capitais. Excelente fonte de Apoio para a análise marxista dos sistemas de comunicação física.

TÁVOLA, Artur da - Existe a videotextura. Rio de Janeiro, PLG Comunicação, 1980.

Metodologia para a leitura crítica das formas de dramaturgia televisiva (videotextura).

ORDÓÑEZ, Marco e outros - Comunicación y salud. Quito, CIESPAL, s/d
Coletânea de trabalhos apresentados a um seminário sobre o papel da comunicação em programas de saúde pública, realizado em Quito, Equador, em 1976. O volume contém estudos sobre questões básicas de saúde - saneamento ambiental, nutrição, saúde materno-infantil - bem como análises específicas aplicações da comunicação nas estratégias de educação preventiva em programas de saúde.

MARCO, Valéria de e outros - Língua e Literatura: o professor pede a palavra. São Paulo, Cortez, 1981.

Coletânea dos textos apresentados pela Associação dos Professores de Língua e Literatura durante a reunião de 1980 da SBPC. Segundo Alfredo Bosi, prefaciador do volume, "o que se vai é o retrato com retoques de uma crise" - a do ensino de língua e literatura. Para os pesquisadores da comunicação vale a pena destacar os trabalhos de Dino Pretti - sobre o livro didático; de

Walnice N. Galvão - sobre comunicação e expressão; de Gilson Rampazzo - sobre o ensino de redação; e de Celso Beisegel - sobre democratização do ensino e educação popular.

2. Comunicação de massa

HUDEC, Vladimir - O que é jornalismo?. Lisboa, Editorial Caminho, 1980.

Tendo como referencial a "teoria da luta de classes", o autor, professor da Universidade de Praga, analisa a situação do jornalismo e do jornalista na sociedade contemporânea. O volume está dividido em cinco ensaios - breve esboço sobre o jornalismo do passado; jornalismo: significado do termo; sobre as características da atividade jornalística; a personalidade do jornalista; o jornalista e o seu público.

ERBOLATO, Mario - Jornalismo Gráfico - Técnicas de Produção. São Paulo, Edições Loyola, 1981.

Texto didático sobre o trabalho material que complementa e dá forma à atividade intelectual do jornalista. O autor reuniu informações técnicas sobre os seguintes aspectos da produção gráfica: tipos e títulos, diagramação, revisão, composição e impressão, fotografia. Completam o volume dois estudos especiais: uma análise sobre o futuro do jornalismo impresso e um vocabulário técnico e de gíria jornalística.

CEULEMANS, Micke e Guido FAUCONNIER - Imagen, papel y condición de la mujer en los medios de comunicación social. Paris, UNESCO, 1981.

Compilação e análise dos documentos de pesquisa sobre a imagem da mulher nos meios de comunicação e a situação profissional da mulher como comunicadora social. A primeira parte inventaria os estudos sobre a imagem da mulher na publicidade, na radiodifusão, no cinema, na imprensa e nas revistas femininas, segundo regiões geográficas. Na segunda parte, há um perfil profissional da mulher na indústria publicitária, da radiodifusão, cinematográfica e nas empresas jornalísticas.

DA COSTA, Alcino Louis e outros - Valor de las noticias y principios de comunicación intercultural. Paris, UNESCO, 1981.

DA COSTA, Alcino Louis e outros - Valor de las noticias y principios de comunicación intercultural. Paris, UNESCO, 1981.

O conceito de notícia é discutido segundo quatro perspectivas geo-culturais: africana (Alcino Louis da Costa), Árabe (Yehia Aboubakr), asiática (Pran Chopra) e latino-americana (Fernando Reyes Matta).

3. Comunicação popular

ARANTES, Antonio Augusto - O que é cultura popular. São Paulo, Brasiliense, 1981.

Ensaio sobre o conceito de cultura popular que o autor propõe a partir da indagação - "aglomerado indigesto de fragmentos?". Duas perspectivas são utilizadas para dar conta da tarefa - antropológica, ou seja, a noção de cultura e da sua constante mutação; e política, visualizada a partir da questão da participação. A resposta do autor passa pela consideração da cultura diretamente observável nas camadas populares e daquela animada pelas vanguardas intelectuais (CPC etc.)

SILVA, Marília T. Barbosa da e outros - Fala, Manqueira. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

Recuperação da memória histórica da Estação Primeira de Mangueira, escola de samba carioca, realizada através da consulta ao repertório documental - fotográfico, musical - existente e da tomada de depoimento junto aos participantes da vida da escola. Os autores recorreram também aos registros da imprensa carioca.

TACLA, Ariel - Dicionário dos marginais. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.

"Encontram-se neste livro achegas importantes para a evolução do idioma pela contribuição do setor mais descarado e desenvolvido do povo, que é o dos que declaram guerra à sociedade. São os revoltados primitivos, os desajustados, como se costuma dizer, de uma comunidade cujos critérios de ajustamento se confundem, infelizmente, com o conformismo" (Carlos Lacerda, prefaciador).

REIS, José Ribamar Souza dos - Bumba meu boi, o maior espetáculo popular do Maranhão. Recife, Editora Massangana, 1980.

Descrição etnográfica sobre o bumba meu boi maranhense: aspectos históricos, descrição dos personagens, estilos ou sotaques, roteiro e enredo, toadas etc. Completa o volume uma relação dos grupos de bumba-meu-boi registrados em 1979 na Empresa Maranhense de Turismo.

4. Comunicação internacional

MATTELART, Armand, org. - Comunicación y transición al socialismo - el caso Mozambique. Barcelona, Ediciones Era, 1981.

Coletânea de textos sobre o papel da comunicação na Revolução de Moçambique, desde o período da guerra colonial à atual etapa de construção socialista. O volume é precedido de um ensaio de A. Mattelart sobre as peculiaridades da comunicação na sociedade e na cultura de Moçambique.

RACHTY, Gehan e Khalil SABAT - Importation of films for cinema and television in Egypt. Paris, UNESCO, s/d

Partindo da evidência de que o Egito é um país tremendamente dependente de um pequeno número de companhias estrangeiras para a importação de filmes destinados ao cinema e à televisão, os autores analisam as implicações sociais, culturais e políticas do problema.

ANSAH, Paul e outros - El periodismo rural en Africa. Paris, UNESCO, 1981

A introdução dos jornais rurais na África ocorreu a partir da década de 60. O presente estudo procura oferecer um diagnóstico e uma avaliação dessas experiências jornalísticas destinadas às populações rurais. Além de uma visão histórica e de um inventário feito por países, o volume oferece uma análise sobre questão dos recursos humanos e outras sobre as perspectivas do jornalismo rural.

CUTHBERT, Marlene - The Caribbean News Agency: Third World Model. Lawrence, Kansas (USA), AEJ, 1981

CUTHBERT, Marlene - The Caribbean News Agency: Third World Model. Lawrence, Kansas (USA), AEJ, 1981

Análise histórico-política sobre o surgimento e o desenvolvimento da CANA - agência noticiosa dos países do Caribe, cuja manutenção vem se fazendo de forma independente, seja dos governos nacionais, seja das agências noticiosas internacionais.

NIXON, Raymond - Education for Journalism in Latin America: a report of progress. Minneapolis (USA), Minnesota Journalism Center, 1981

Estudo sobre as experiências de ensino de jornalismo na América Latina nas duas últimas décadas, seus sucessos e fracassos. A análise não se circunscreve às questões especificamente pedagógicas, mas abrange também as repercussões do ensino de jornalismo na atividade profissional e na vida política dos países latino-americanos. Em apêndice, uma lista das escolas de comunicação e uma bibliografia seletiva recomendada às escolas.

5. Comunicação no Brasil

MARQUES DE MELO, José, coord. - Populismo e Comunicação. São Paulo, Cortez/INTERCOM, 1981

Coletânea dos textos apresentados ao III Ciclo de Estudos da INTERCOM. O traço de união dos diferentes ensaios é a busca do significado político da comunicação em governos que procuram a legitimação para projetos reformistas destinados a neutralizar a ascensão hegemônica das classes trabalhadoras.

CORDEIRO, Albérico e Cristina TAVARES, relatores - Censura - Histórico, Situação e Solução. Brasília, Câmara dos Deputados, 1980

Documentário dos depoimentos e debates verificados durante o Simpósio sobre Censura, promovido pela Comissão de Comunicação da Câmara Federal. São transcritas na íntegra todas as intervenções feitas durante o evento. Trata-se de documento valiosíssimo para a reconstituição da história da comunicação pública no país.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da - Cultura no Brasil Colonial. Petrópolis, Vozes, 1981

Estudos monográficos sobre aspectos culturais da vida colonial brasileira, interessando particularmente à História da Comunicação os seguintes: formas de transmissão da cultura e o comércio de livros e folhetos.

RODRIGUES, Maria Regina Adoglio Netto - Eleições - Vende-se um candidato. São Paulo, Edição da autora, 1981

Estudo sobre a propaganda eleitoral no Brasil, enfatizando a vigência da lei Falcão (que proíbe o acesso dos candidatos ao rádio e TV) e visualizando as alternativas encontradas pelos políticos para atingir o eleitorado. A pesquisa foi realizada em São Paulo e utilizou fontes documentais, além de entrevistas com políticos e comunicadores.

6. Obras afins

DREIFUSS, René Armand - 1964: a conquista do Estado. Petrópolis, Vozes, 1981

Pesquisa exaustiva sobre os antecedentes políticos e econômicos do movimento militar de 1964 no Brasil, completada por uma análise da ação da elite orgânica que fomentou a rebelião militar contra o governo Goulart e levou à ascensão da corporação militar ao comando da vida política do país. Aos estudiosos da comunicação interessa particularmente o cap. VI - A campanha ideológica da burguesia.

KHOURY, Yara Aun - As greves de 1917 em São Paulo. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1981

Reconstituição da vida da classe operária em São Paulo em 1917, ano da eclosão de grevas que marcaram os destinos do movimento proletário nacional. A autora recorreu à imprensa operária da época e selecionou textos que oferecem dois panoramas: a situação do proletariado paulista e a natureza da sua organização classista. Precede o volume um breve relato factual das greves de 1917.

M'BOW, Amadou-Mathar - Construyendo el futuro. Paris, UNESCO, 1981

Discursos pronunciados pelo Diretor Geral da UNESCO na 21ª. Reunião da Conferência Geral daquele órgão da ONU e outros documentos básicos. Trata-se de um conjunto de pronunciamentos públicos indispensáveis para quem pretenda analisar o engajamento da UNESCO na proposta de uma nova ordem econômica mundial, com a qual se articula a nova ordem mundial da informação e da comunicação.

MOTA, Lourenço Dantas, coord. - A História Viva, I. São Paulo, O Estado de São Paulo, 1981

Reprodução dos depoimentos que personalidades da vida política e cultural brasileira fizeram ao jornal O Estado de São Paulo. O volume interessa não apenas aos profissionais do jornalismo (pela percepção das técnicas de entrevista utilizadas), mas aos estudiosos da comunicação em geral, que encontrarão informações e análises fundamentais para compreender a atual crise vivida pelo país. Merecem leitura detida os depoimentos de Tristão de Athayde, Gilberto Freyre, Prudente de Moraes, neto, Mário Pedrosa, Caio Prado Junior, Nelson Rodrigues e Maria Schenberg.

CASTRO, Fidel - Retrato de Cuba. São Paulo, Quilombo, 1981

Informe central apresentado ao II Congresso do Partido Comunista de Cuba, realizado em 1980. O documento contém uma avaliação dos rumos da sociedade e da economia cubana no quinquênio 1975/1980.

7. Periódicos

REVISTA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Vol. X, nºs. 1/2. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1980

Destaque: Imparcialidade jornalística: do mito à realidade (Adilson Sá), Ideologia e imprensa (Julia de Miranda Canoco), A interdição da literatura de cordel (Maria Elias Soares) e Jornalismo e propaganda política (Teobaldo Landim).

TECNOLOGIA EDUCACIONAL, nº 38. Rio de Janeiro, ABT, 1981

Edição monográfica dedicada à revisão das experiências de teleeducação no Brasil.

CINEJORNAL, nº 2. Rio de Janeiro, Embrafilme, 1981

Edição dedicada à apresentação de dados econômicos relativos ao desempenho do cinema brasileiro no período 1976-1978.

CULTURA POPULAR, nº 1. Lima, Peru, CELADEC (Av. General Garzón, 2267), 1981

Nova revista que pretende, a partir do marco do movimento popular latino-americano, contribuir para a ação educativo-popular que conduza à transformação da estrutura social e à conquista de uma nova hegemonia. Nesta edição: a pesquisa militante da Nicarágua; Educação popular, nova hegemonia e luta cultural; Emergência do movimento popular na América Latina.

MEDIA DEVELOPMENT, vol. XXVIII, nº 2. Londres, WACC, 1981

Edição monográfica dedicada ao estudo da comunicação grupal em diferentes culturas. Merecem destaque os artigos de Stefan Bamberger (Novos desafios para uma comunicação grupal criativa), Graham Wade (Video comunitário: uma alternativa radical), José Martínez Terrero (Importância da comunicação grupal para uma comunicação libertadora) e Vincente Carrera (Comunicação popular no Panamá).

REVOLUCIÓN Y CULTURA, nº 93. Havana, Ministério de Cultura, 1980

Edição dedicada a vários aspectos da cultura cubana, destacando-se um conjunto de reportagens, depoimentos e análises sobre a fotografia nacional.

TEORIA E POLÍTICA, nºs. 1 e 2. São Paulo, Brasil Debates, 1981

Nova revista que pretende contribuir para a afirmação e o desenvolvimento do marxismo. No primeiro número, merecem destaques os estudos - Introdução crítica ao dogmatismo (Adelmo Genro Filho), Cristianismo e socialismo (Karl Kautsky e Nota sobre "Cristianismo e Socialismo" (Carlos Magalhães). No segundo número, destacam-se: a ideologia do populismo sindical (Armando Boito Jr.), A democracia burguesa e a luta proletária (Décio Saes) e O anti-engelsismo: um compromisso com o materialismo (Caio Navarro de Toledo).

A novela de um ano da concessão dos canais da antiga Rede Tupi. A outra concessionária, a TV-Manchete, mais modesta, só entrará no ar daqui a mais ou menos um ano. A TV-S, com uma programação baseada em desenhos, filmes, Silvío Santos, Jacinto Figueira Junior, Flávio Cavalcanti, Hebe Camargo, Raul Gil, Moacir Franco, Lolita Rodrigues e o palhaço Bozo vem com grandes ambições e disposta a desbancar a Bandeirantes do segundo lugar da audiência a curto prazo. Só o que não foi resolvido na novela das concessões da falecida Tupi foi a questão dos funcionários, que não tiveram seus direitos trabalhistas assegurados como se havia anunciado.

DIMINUEM OS PERSONAGENS DAS NOVELAS

Em nome da contenção de despesas, as novelas da Rede Globo não deverão ter mais do que trinta personagens, segundo determinação da direção. Janete Clair, especialista em tramas envolvendo um número bem maior de personagens (Coração Alado tinha mais de 60, por exemplo) está entre os autores que mais sofrerão para se adaptar aos novos tempos.

UM GRANDE MOMENTO NO CANAL LIVRE

Um dos momentos mais pungentes da televisão brasileira em toda a sua história foi a confrontação entre a atriz Dina Sfat e o general da reserva Dilermando Gomes Monteiro no Canal Livre (Rede Bandeirantes) de 19 de julho de 1981. Dina Sfat estava entre os entrevistadores do general Monteiro, que substituiu o general D'Avila Mello no comando do II Exército, durante a crise provocada pelo assassinato do jornalista Wladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho, no DOI-CODI paulista, em 1975. Foi uma das primeiras aparições de um general do porte de Monteiro, hoje no STM, num programa de debates desde 1964. O programa correu tenso, contido, apesar da excelência dos entrevistadores, entre eles o jornalista Audálio Dantas, o historiador Hélio Silva, o advogado Carlos Alberto Direito e o jornalista Fernando Pedreira. A intervenção final de Sfat, contudo, tornou-se o ponto alto do programa: com invulgar coragem, Dina Sfat falou do medo, do medo que ela e todos os outros sentiam de estar ali, falando a um general. E falou da castração intelectual a que foram submetidos os brasileiros de toda uma geração em 17 anos. E falou o que muitos brasileiros gostariam de ter falado a muitos generais. Sua atuação sincera, apaixonada, emocionada repercutiu intensamente nos dias posteriores à apresentação do pro-

grama, provocando inúmeros artigos em vários jornais e referências elogiosas de centenas de pessoas que a ela se dirigiram. A produção de Canal Livre, cabe o mérito de ter sabido editar o programa com a mesma emoção com que Sfat falou. Ao general Monteiro, o reconhecimento de que soube ouvir com espírito democrático incomum entre seus pares.

NEPENTES E ESPORTES

Não é incomum no Brasil a tentativa de se unir esporte e política, com objetivos claramente eleitorais. Em alguns casos os "político-desportistas" se machucaram. Noutros, até que se saíram bem. Bem recentemente assistimos a "festa" demagógica preparada pelo governador baiano quando da visita da seleção brasileira. Dia em que favelado foi para os camarotes. Dia de esmolas. Por isso que alguns não foram, respeitando aquela máxima popular de que "de escola grande até cego desconfia". Estamos prestes também a assistir à candidatura do atual vice-governador de São Paulo à presidência da Federação de Futebol. Imaginem que ele se diz um ex-jogador de futebol. Quem é que nesse país nunca chutou uma bola, uma lata, uma pedra, qualquer coisa que não machuque o dedão, que aparecesse à frente? Não é raro também ouvir se dizer que o futebol tem, no Brasil, um efeito de sonífero, de ópio, que anestesia às multidões maltratadas e famintas. Tudo isso, é a propósito de um fato que já se percebe nitidamente nos meios de comunicação, principalmente na televisão, nos meses recentes: estão transmitindo, ao vivo, de qualquer lugar do planeta, desde a mais sangrenta briga de galos, ao mais nojento concurso de cuspe à distância. Tudo que cheire a uma competição, as nossas televisões estão lá. Estão transmitindo pelijas que valem e que não valem nada. Sequer pela disputa. É basquete, é volei, é natação, é tudo. Quem pensar que as olimpíadas são de 4 em 4 anos, enganou-se. Desde julho, em Moscou, que os espaços esportivos crescem nos meios de informação. E por que fizemos essas constatações e essas relações político-esportivas? Para nós está claro: Vamos viver nesse clima de esportes, festas, competições, a televisão mostrando tudo, até a Copera do Mundo de 1982. Já começaram a entender, heim? E a Copa será concluída três meses antes das tão esperadas eleições brasileiras. Nesse clima - é bom não esquecer todos os outros casuísmos que irão chover por aí - vamos assistir à embriaguez total de um país, ver uma nação ébria do néctar dos deuses do futebol, "a paixão das multidões", como dizem os cronistas esportivos. Com certeza, toda a população será servida com

um pouco de nepentes, planta, cujo suco, misturado ao vinho, provocaria o esquecimento das preocupações e cuidados. A nepentes será entregue pela televisão. O vinho, deixem que o Governo garanta. E o brasileiro mole pela fome, pela miséria, pela insegurança, e ainda embriagado pela avalanche de imagens coloridas do esporte, vai ser levado a viver nessa farsa de três atos: No primeiro, o povo será empanzinado de esporte; o segundo ato, já todos com nepentes e vinho, o Governo "promove" uma eleição, o terceiro e trágico final poderá ser esse: suportar o PDS e estralados fardados por mais algum tempo. Até que todos cheirem amônia. (Ricardo Rosado de Holanda)

A AGONIA DA RÁDIO TUPI

Aqueles que viveram os cinquenta, com certeza trazem na memória momentos do jornal O Matutino Tupi ou O Grande Jornal Falado Tupi ou dos então principiantes como Dias Gomes fazendo sucesso com seus radio-teatros marcados pela atuação de Cacilda Becker e pela voz vibrante de Coripeu de Azevedo Marques. Hoje, esta rádio, com uma das potências mais altas do Brasil (200 quilowatts) operando apenas com cinquenta, que dividiu com a rádio Record o domínio de audiência nos tempos gloriosos do rádio, é apenas um morto insepulto restante do patrimônio do Condomínio Associado. Anunciando profecias, gritando milágras e vendendo conselhos, os pastores das mais diversas seitas desfilam seus rosários pelas ondas daquela que foi das mais ágeis e atuantes rádios do país. O representante dos associados, na rádio, Oswaldo Amorim informa que alugados os horários, acertado o preço, não importa o que vai ao ar. Esta foi a única alternativa que restou para a manutenção do equipamento, para o pagamento dos funcionários que não aderiram à greve, e para a quitação eterna de um montante de dívidas extraordinário às agências de publicidade e ao governo. Ao contrário da Tupi, algumas emissoras do grupo Associado foram vendidas para ajudar no pagamento de outras dívidas. Embora todo o equipamento da rádio esteja funcionando, os candidatos desistem de adquiri-la quando se deparam com a legião de credores que surgem com dívidas não registradas. Nem seu passado, nem seu nome tradicional, nem seus equipamentos e potência são suficientes para aliviar o peso das dívidas. Enquanto isso, direção e funcionários vão empurrando o dia a dia da emissora esperando algum pastor acertar suas dívidas para ratear entre todos.

BRASIL TERÁ 3000 EMISSORAS

Três mil emissoras de rádio-difusão é a previsão do Departamento Nacional de Telecomunicações - Dentel - para os próximos três anos. Atualmente, há 1279 emissoras registradas e os pedidos de instalação já somam 700. Tão numerosas são as solicitações como as multas aplicadas pelo Dentel, na sua maioria, por desrespeito à proporcionalidade de 50% na programação de músicas nacionais ou estrangeiras e por excesso de publicidade (a lei prevê 15 minutos de publicidade para cada uma hora de programação e não pode a propaganda exceder 3 minutos). A punição às emissoras oscila das advertências, multas, suspensão de um a trinta dias até a cassação dos canais.

RÁDIO-NOVELAS VOLTAM AO AR

A Rádio São Paulo (antiga Rádio Jornal) desenterrou as rádionovelas dos áureos anos 50, transmitindo diariamente, às 9 horas "A Mulher de Pedra" e às 14 horas "O Prisioneiro do Amor". O termo desenterrar cabe bem à nova estratégia da Rádio São Paulo, quando se contata que os textos apresentados, da autora Ivani Ribeiro, datam de 15 anos atrás e entre os convidados para compor o elenco estão nomes tais como Geraldo Del Rey, Rodolfo Meyer e Hélio Souto, sendo patrocinadas e produzidas pela Gessy-Lever. Atualmente a Rádio São Paulo detém a audiência de 19% das donas de casa de São Paulo e em apenas uma semana de novelas as empresas já começam a cortejar a rádio e resultados concretos já são sensíveis pois a receita diária da rádio já subiu em 20%. Rodolfo Meyer, diretor das séries, vislumbra nas novas perspectivas para a expansão do mercado de trabalho para os artistas. Para cada capítulo, quase 15 personagens são absorvidos. No entanto, Rodolfo também identifica os perigos de se mumificar as novelas do passado ao invés de concebê-las dentro dos comportamentos e valores atuais. A partir de setembro, ele pretende colocar no ar um texto atualizado. Entre as intenções da direção da rádio está o aumento do número de novelas na programação.

RÁDIOS AMPLIAM POTÊNCIA

A corrida para escalar maiores índices de audiência está fazendo as principais emissoras paulistas ampliarem a sua potência, ocupando todos os quilowatts estabelecidos por lei. Aquelas que desfrutavam de concessões antigas, autorizadas a transmitir com potências

superiores a 50 quilowatts, como a Nacional de Brasília, a Record e a Globo de São Paulo caso não amplifiquem suas operações incorrem no risco de perder este direito tendo que se contentar com os 50 quilowatts, como reza a legislação interamericana do ano passado. A Record, que até julho operava com 100 quilowatts, já duplicou sua potência, atingindo atualmente todo o território nacional e encabeçando as pesquisas de Ibope. A Globo opta por modificações na programação, nomeando a volta de Gil Gomes, o "paladino da justiça", hoje locado na Record e faturando grossas receitas, que aplica nos quarenta cavalos que sustenta no Jôquei. As intenções da Globo terão, pelo jeito, que se deslocar para outras estrelas, pois fontes da Record adiantam que Gomes já renovou seu contrato com a emissora. A Globo ainda apresenta-se vulnerável quanto aos seus detentores de audiência, como Osmar Santos, ultimamente associado pela Rede Bandeirantes. Mudando de fronteiras, o melhor exemplo surge em Porto Alegre, com a Rádio Gaúcha que atingiu 100 quilowatts e adquiriu o único canal autorizado a transmitir para a América Latina. Além disso, popularizou sua programação investindo tudo no rádio-jornalismo e esportes. O resultado foi a disparada do quinto para o terceiro lugar no Ibope.

PREFEITO DE SALVADOR OCUPA ONDAS DE RÁDIO

Farejando o advento das eleições, alguns candidatos procuram novas fórmulas que garantam o eleitorado no pleito de 82. Exemplo disso é a estratégia avistada pelo prefeito de Salvador, Mário Kertessz, de cavar votos através do rádio. "A Prefeitura Fala com o Povo", apresentado pelo próprio prefeito vai ao ar, todos os dias, às 7h 30 min em duas emissoras e, segundo a secretaria de divulgação da prefeitura, vem obtendo uma audiência excelente. Todavia, as artimanhas eleitoreiras do prefeito não estão imunes aos protestos. O Sindicato dos Radialistas de Salvador, debatendo-se com a regulamentação da profissão, não digere a presença de um apresentador que não pertence à categoria ocupando o lugar de um radialista profissional. A deliberação final do sindicato está marcada para o início de setembro, mas já é praticamente certa a destituição do prefeito, do rádio. Caso ele queira manter a demagogia, terá que resignar-se à presença de um substituto radialista. (Lúcia Araújo)

O PALAVRÃO DE CAETANO

Súbita e naturalmente, Caetano Veloso "tascou" um palavrão no ar. Era o dia 15 de junho e a rádio Globo apresentava ao meio dia um de seus programas recordistas de audiência, onde Caetano era entrevistado por Braga Junior e Castilho de Andrade. Ao comentar a música chamada "Cajuína", Caetano falou em "viadagem", o que arrancou gargalhadas dos apresentadores e testemunhas do primeiro palavrão no rádio. Veio a segunda dose, dessa vez com "viadagem" e o fato foi tranquila e silenciosamente absorvido pelos apresentadores. (Repórter nº 48)

DENTEL QUER ASSEGURAR ESPAÇO DA MPB

O Dentel está gestando atitudes que expandam o espaço dedicado à execução de músicas nacionais nas rádios. Atualmente, vige a regulamentação de 50% para música brasileira contra 50% de estrangeiras, o que ainda não está sendo cumprido como pode se observar pelas recentes penalidades impostas às rádios pelo desrespeito à proporcionalidade. Se nova legislação vingar, provavelmente aumentarão as dificuldades do Dentel para fiscalizar a execução da produção brasileira pelas rádios. A sugestão do crítico de música da Folha de S. Paulo, Dirceu Soares, para o impasse, é a de que cada cidadão se torne um fiscal. O Dentel estabelecerá um esquema de que para cada três músicas nacionais, uma estrangeira fosse tocada. Mas, caso tal esquema seja formalizado, será que o cidadão também poderá dispor de instrumentos legais para punir os infratores? O próprio crítico acha difícil e invoca o patriotismo e boa vontade das rádios para a superação do problema.

A VITÓRIA DE JOÃO BATISTA EM MOSCOU

O migrante nordestino, massacrado e perseguido nos grandes centros urbanos, é o tema do filme O Homem que Virou Suco consagrado em julho com medalha de ouro no Festival Internacional de Cinema de Moscou. Depois de "O Pagador de Promessas", o filme de João Batista é a segunda produção nacional a ser consagrada num festival internacional, dividindo as medalhas de ouro com o Vietnã e a União Soviética. Embora o filme trabalhe com símbolos e linguagem tão regionalmente localizadas, João Batista acredita que a premiação se deve à universalidade do tema, pois a empatia com o homem oprimido na cidade grande atravessa as fronteiras e a proposta do filme (exibido

em circuito normal e em sindicatos e associações de bairro) encaixou-se à opinião dos membros do júri de Moscou para quem o cinema deve desempenhar um papel didático junto à população. O fato de O Homem que Virou Suco ter sido um fracasso de bilheteria no Brasil é analisado pelo diretor como um ponto nevrálgico do cinema brasileiro que lança de forma apressada e sem nenhuma estrutura promocional as produções mais modestas, privilegiando as pornochanchadas e superproduções. Para ele, não se deve confundir sucesso com qualidade num mercado eminentemente discriminatório. Todavia, logo após a premiação, seu filme recebeu crédito no Brasil, voltando às salas de exibição.

O NOVO FILME DE JOÃO BATISTA

A canção de Moscou, João Batista de Andrade parou em Porto Velho, Rondônia, onde está realizando um documentário sobre a ferrovia Madeira-Mamoré, a estrada de ferro em cuja construção morreram muitos trabalhadores. O filme tem 40 minutos de duração, está sendo rodado em vídeo-tape e custeado pelo Patrimônio Histórico e Geográfico Nacional. O filme narra a história da ferrovia através de depoimento de trabalhadores e habitantes das imediações da estrada e registra a reação da população de Rondônia quando o Governo pretendia leiloar as locomotivas e acabar com a estrada. A mobilização dos trabalhadores e rondonenses conseguiu demover o Governo de suas intenções e ressuscitar, em maio último, um trecho de 350 km da estrada. Impressionado com o descaso dado à memória nacional, João Batista visa tornar o filme um projeto-escola a ser mostrado em unidades escolares nos locais situados ao longo dos 350 km da Madeira-Mamoré. (FSP, 17/06/81)

FILMES BRASILEIROS NA GAUMONT

O cinema nacional, desdenhado por nossos distribuidores e exibidores está atraindo o interesse da maior produtora francesa, a Gaumont, que já contraiu compromissos de produção com Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues. Carlos Diegues eclodiu no mercado internacional com Bye Bye Brasil e através da Gaumont vai ter condições de dirigir a mais cara produção brasileira, orçada em cinco milhões de dólares. O velho sonho de rodar Ganga Zumba será realizado no início de 1982, em duas versões, uma para cinema e uma série de seis episódios para a televisão. Outra realização prevista para o ano que vem é a biografia de um padre estrangeiro que chega ao Brasil em 1964, quando é deflagrado o golpe militar. O roteiro e direção estão a cargo de Nelson Pereira dos Santos.

SINAL VERMELHO PARA O CINEMA NA TV

O filme brasileiro, que já era vítima de ardilosas perseguições da política do mercado cinematográfico, foi ainda visceralmente golpeado pelo fechamento de mais espaços dentro da televisão. Projetos como Première Nacional, sob a direção de Daniel Filho, na Globo, representavam a abertura de mais uma frente de trabalho para as legiões de cineastas brasileiros que, a baixos custos, produziram em vídeo-tape histórias de 100 minutos. Cineastas como Tizuka Yamasaki, Bruno Barreto e Arnaldo Jabor chegaram a ser contactados, mas tão logo o primeiro filme começou a ser executado (uma adaptação da obra de Nelson Rodrigues, pelo cineasta Antonio Carlos Fontoura), a Globo, sob a alegação de "corte de verbas" cancelou o projeto. Outras tentativas de absorção da mão de obra cinematográfica pela televisão foram encetadas pela ABD (Associação Brasileira de Documentaristas) quando propôs à Secretaria Estadual de Cultura a divulgação do cinema de curta-metragem na TV Cultura e Bandeirantes e não lograram. O aborto de Première Nacional e os diversos naufrágios sofridos pelos cineastas na TV só demonstram que longe de serem estas atitudes discriminação aos cineastas, são incontestavelmente atentados à cultura brasileira.

QUEDAS NA INDÚSTRIA DOS DISCOS

As pesquisas de queda da qualidade de vida mostra que o primeiro item cortado do cotidiano das pessoas diante da crise econômica é o lazer. E a indústria de discos pode depor com autoridade sobre o assunto. Embora o preço dos discos tenha sofrido um aumento de 40% de janeiro a junho deste ano (em contraste com uma alta de 80% nos gêneros alimentícios), o mercado de discos em 81 já caiu 30% resultando numa política de contenção de gastos que já demitiu 200 funcionários na CBS e Odeon. Enquanto as grandes redes de lojas abordam o público com toda a sorte de ofertas (na Motodiscos no Rio de Janeiro, há discos mais baratos de que um maço de cigarros) as dezenove principais gravadoras reuniram-se em junho a fim de lançar uma incisiva campanha para "salvar o disco". As opiniões das gravadoras variam. Algumas relacionam a retração do mercado à expansão das rádios FM e outras, ao contrário de verem o disco como um produto caro, identificam a crise com a queda de poder aquisitivo da população, com os reajustes irreais de salários. Há propostas para a ultrapassagem da crise como a que foi pincelada nos Estados Unidos em fase semelhante: despadronizaram-se os LPs. Ao invés de um

LP conter doze músicas, passaram a comercializar LPs com três faixas de cada lado. As gravadoras pretendem investir também nas músicas linha "povão" realçando a música sertaneja e a popular romântica. Há, todavia, uma preocupação comum entre a linha de ação das gravadoras: a de convencer o povo brasileiro de que disco não é bem supérfluo.

LANÇADO O NEW-DISC

A Polygram é a primeira a recorrer a uma linha de produção original para se socorrer diante da retração do mercado de discos. É o "new disc" - discos o tamanho normal de um LP de 12 polegadas com apenas oito faixas em lugar das doze convencionais ao preço de 550 cruzeiros, quando o preço de um LP na praça é de 780 cruzeiros. Os estreantes deste novo veículo serão Robertinho do Recife, Vitor Raimil e Serginho Meriti.

BOCA LIVRE DESISTE DA LIBERDADE

O conjunto vocal Boca Livre desistiu de embrenhar-se no mercado através de um esquema independente de produções partindo para um contrato com a Polygram. O grupo prefere evitar os rótulos de líderes do movimento dos independentes explicando esta mudança radical de posição como sendo uma das únicas formas possíveis para a ampliação de seu trabalho para fora do Brasil. O terceiro LP do conjunto começa a ser preparado em setembro. Depois de ter colhido os louros pela ousadia de se lançar no mercado sem qualquer infra-estrutura de gravadora, parece que o conjunto a partir de agora, quer garantir sua aposentadoria ou, pelo menos, a segurança representada por um contrato.

NATURALISMO É SUCESSO EDITORIAL

O vegetarianismo, a macrobiótica, o parto de cócoras, a acupuntura e todas as práticas naturais alastram-se pelo mercado perdendo as nuances de exotismo. E os adeptos dos métodos vão enriquecendo também. Como o profeta desse boom, Mário Mircio de Castro, ou seja, o dono da Editora Ground, sediada no Rio de Janeiro e responsável pela publicação das bíblias da alimentação, terapia, jardinagem e tendências afins. O primeiro tiro certo foi dado com Do-In, de Jacques de Lamgre, traduzido do original americano, com uma adaptação de Juracy Campos Cançado. Em 1978, os Sugar Blues alertando

para os perigos do açúcar refinado repetia o sucesso. E o próprio Castro admite que foi a partir do discurso gaberiano que o sucesso de seus livros foi assegurado. Além dos best-sellers lançados pela Ground, entra agora no mercado a revista Vida Natural, de circulação nacional, com tiragem prevista para 20 mil exemplares e planos de deixar de ser bimensal no quarto número para tornar-se mensal. A revista ocupar-se-á da cozinha natural, denúncias contra certos alimentos e trará um caderno especial "verde". (Isto É, 17/06/81)

LIVROS BONS VENDEM MUITO

O mercado editorial brasileiro tornou-se audacioso e descobriu o prato predileto da classe média, nos dias de hoje - o livro de boa qualidade. Se, há algum tempo atrás, os sucessos das livrarias estavam reservados a Agatha Christie, Harold Robbins e autores do mesmo calibre, hoje, quem dispara nas listas dos mais vendidos são Marguerite Yourcenar, com Memórias de Adriano, Thomas Mann, com A Montanha Mágica ou Os Broodenbrooks, Virginia Woolf, T.S. Eliot e suas Poesias, Lillian Hellman, William Faulkner, os nacionais Antonio Callado, com Sempre viva, Dreyfuss e 1964: A conquista do Estado, e uma centena de outros nomes que ficaram anos e anos à espera da atenção dos editores brasileiros.

Profissões

UM ANO DE GREVE DOS DIÁRIOS

No dia 3 de julho, a greve dos Diários Associados de São Paulo completou um ano. Há mais de 17 meses que os funcionários do Diário da Noite não recebem seus salários. São 420 profissionais que não têm como sobreviver com dignidade, pois a maioria absoluta não obteve lugar no escasso mercado de trabalho jornalístico. Nem o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço os trabalhadores dos Diários podem sacar, pois a empresa nunca o depositou. A tudo, o governo assiste impassível. Os patrões gozam de absoluta liberdade e ainda têm o desprazer, como Edmundo Monteiro e Armando de Oliveira, de reivindicar direitos. A tragédia dos Diários prossegue, num assombroso espetáculo de indiferença dos poderes públicos, desrespeito flagrante à lei vigente e completa impunidade dos responsáveis.

ESPECIALIZAÇÃO É SAÍDA PARA JORNALISTAS

O órgão oficial do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo Unidade, publicou em sua edição de junho/julho de 1981, a Íntegra de um debate a respeito da especialização do jornalista. Participaram do debate Wille Guimarães (diretor de Jornalismo da TV Globo/SP), Ricardo Kotscho (repórter da Folha de S. Paulo), Leda Cavalcanti (produtora da Rádio Jovem Pan/SP), Alberto Prado (assessor da Dupont) e Guimar Vasconcellos (assessora da Secretaria de Agricultura de S. Paulo). Os debatedores trataram dos problemas do jornalismo especializado, constataram a tendência dominante da especialização e parecem ter chegado a um consenso sobre a inviabilidade do antigo "repórter de geral" no jornalismo contemporâneo.

UM HISTÓRICO DO OMBUDSMAN NO BRASIL

Devido a um erro tipográfico cometido em matéria de sua autoria publicada na edição anterior da revista Senhor, Sérgio Augusto enviou à redação daquele órgão uma carta que acabou se convertendo num conciso mas valioso histórico da figura do ombudsman no jornalismo brasileiro. No Brasil, Augusto e Alberto Dines são os dois principais nomes desse tipo de jornalista que se constitui no crítico do jornalismo. Em outros países, o ombudsman é um personagem comum nos jornais e revistas. Entre nós, é raridade. A vaidade dos jornalistas brasileiros, que recebem críticas como se fossem ofensas, inviabiliza o trabalho destes profissionais. O pequeno histórico de Sérgio Augusto está na página 66 da edição de julho da revista Senhor.

SENADOR PEGO EM FLAGRANTE INSULTA JORNALISTA

O líder do governo do Senado Federal, senador Nilo Peçanha, foi pego em flagrante pelo vigilante fotógrafo Alencar Monteiro, de O Estado de S. Paulo. Monteiro fotografou o senador votando duas vezes, em seu lugar e no lugar do senador João Lúcio. E Coelho não gostou, investindo contra diversos jornalistas no Senado Federal, dias após a publicação das fotos. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Brasília emitiu nota oficial repudiando as agressões verbais de Coelho e defendendo os profissionais que apenas cumpriram suas obrigações.

GREVE NA BAHIA JÁ DURA DOIS MESES

O mais antigo jornal de Salvador, o Diário de Notícias, não circula desde o dia 19 de julho, devido à greve de seus funcionários, cujos pagamentos não são feitos desde março deste ano. Trata-se de outro jornal da antiga cadeia dos Diários Associados a se desfazer e a trazer problemas para centenas de trabalhadores.

FOTÓGRAFOS NÃO GOSTAM DA REGULAMENTAÇÃO

O projeto nº 822 B, de autoria do deputado governista Adhemar Ghesi, está recebendo uma saraivada de críticas dos fotógrafos profissionais desde que foi "descoberto" pela União dos Fotógrafos de Brasília, há algumas semanas. O projeto pretende regulamentar a profissão de fotógrafo, mas não leva em consideração as diferenças entre as áreas de atuação dentro da fotografia, não faz referência à obrigatoriedade do crédito nas fotos publicadas, não cita a legislação referente a Direito Autoral, omite questões como salário mínimo da categoria. O Coojornal, em sua edição de agosto de 1981, publicou matéria de Eduardo Tavares a respeito do assunto.

BRASÍLIA TEM COOPERATIVA DE JORNALISTAS

Mais uma cooperativa de jornalistas está funcionando. É a de Brasília, que foi reativada em agosto último, após muitos anos de paralisação. O presidente eleito é Etevaldo Dias, que pretende oferecer os serviços dos 205 filiados a outras cooperativas e a empresas privadas. Pelo menos no princípio, a Cooperativa de Brasília não pretende ter um jornal próprio, embora esta possibilidade seja admitida a médio prazo. Antes disso, contudo, os jornalistas de Brasília esperam poder elaborar um jornal inter-sindical.

BRASIL GANHA 16 LEÕES

Os publicitários brasileiros estão em festa. Mais uma vez eles obtiveram grande sucesso numa mostra internacional. No 28º Festival do Cinema Publicitário, em Cannes, eles conseguiram 16 prêmios, sendo dois Leões de Ouro. Pelo frequente êxito nestes certames, os publicitários brasileiros conseguiram consolidar o prestígio de competência profissional que os coloca entre os melhores do mundo.

TRABALHADORES DA TUPI FICAM NA MÃO

Os funcionários da Rede Tupi de Televisão ficaram, literalmente, na mão. Apesar do parecer do presidente da Associação dos Advogados Trabalhistas de São Paulo, Francisco Ari Montenegro Castelo, segundo o qual os grupos Silvio Santos e Bloch deveriam assumir a dívida trabalhista das Emissoras e Diários Associados, o contrato de concessão dos canais foi assinado sem que nada fosse acertado nesse sentido. Para Montenegro Castelo, não há dúvidas de que os termos do edital 35/80, que abriu a concorrência para a concessão obrigava os vencedores a assumirem a dívida trabalhista. Contudo, nem Silvio Santos nem Bloch o fizeram. Nem por isso deixaram de ter assinados seus contratos. Os funcionários, mais uma vez, foram legados em seus direitos. Não recebem de seus antigos patrões, nem dos novos. O governo, impassível, assiste.

POLÊMICA DO DIREITO AUTURAL PROSEGUE

A nova tabela dos direitos autorais, que muitos haviam considerado uma vitória para os trabalhadores, foi suspensa no início de junho. E a polêmica se arrasta, ganhando contornos cada vez mais indefinidos. Os autores e os usuários de direito autoral não chegam a um acordo. Nem os próprios autores entre si, divididos em entidades de arrecadação distintas. Enquanto isso, o jogo de pressões e contra-pressões se desenvolve nas diversas instâncias governamentais. Até o fechamento desta edição do Boletim INTERCOM, o problema não havia recebido uma solução.

Censura

PRISÕES, APREENSÕES E SUSPENSÕES NA IMPRENSA

O final de junho e o começo de julho foram tempos duros para a imprensa alternativa brasileira, mal acostumada que estava com um período de relativa liberdade de que desfrutava há alguns meses. Primeiro, foi a condenação de três diretores do semanário Hora do Povo pelo Superior Tribunal Militar, devido à matéria em que o jornal denunciava a existência de contas secretas na Suíça pertencentes a altos dignatários do governo. Além da condenação dos diretores, o Hora do Povo foi suspenso por um mês (mas prontamente subs-

GREVE NA BAHIA JÁ DURA DOIS MESES

O mais antigo jornal de Salvador, o Diário de Notícias, não circula desde o dia 19 de julho, devido à greve de seus funcionários, cujos pagamentos não são feitos desde março deste ano. Trata-se de outro jornal da antiga cadeia dos Diários Associados a se desfazer e a trazer problemas para centenas de trabalhadores.

FOTÓGRAFOS NÃO GOSTAM DA REGULAMENTAÇÃO

O projeto nº 822.B, de autoria do deputado governista Adhemar Ghisi, está recebendo uma saraivada de críticas dos fotógrafos profissionais desde que foi "descoberto" pela União dos Fotógrafos de Brasília, há algumas semanas. O projeto pretende regulamentar a profissão de fotógrafo, mas não leva em consideração as diferenças entre as áreas de atuação dentro da fotografia, não faz referência à obrigatoriedade do crédito nas fotos publicadas, não cita a legislação referente a Direito Autoral, omite questões como salário mínimo da categoria. O Coojornal, em sua edição de agosto de 1981, publicou matéria de Eduardo Tavares a respeito do assunto.

BRASÍLIA TEM COOPERATIVA DE JORNALISTAS

Mais uma cooperativa de jornalistas está funcionando. É a de Brasília, que foi reativada em agosto último, após muitos anos de paralisação. O presidente eleito é Etevaldo Dias, que pretende oferecer os serviços dos 205 filiados a outras cooperativas e a empresas privadas. Pelo menos no princípio, a Cooperativa de Brasília não pretende ter um jornal próprio, embora esta possibilidade seja admitida a médio prazo. Antes disso, contudo, os jornalistas de Brasília esperam poder elaborar um jornal inter-sindical.

BRASIL GANHA 16 LEÕES

Os publicitários brasileiros estão em festa. Mais uma vez eles obtiveram grande sucesso numa mostra internacional. No 28º Festival do Cinema Publicitário, em Cannes, eles conseguiram 16 prêmios, sendo dois Leões de Ouro. Pelo frequente êxito nestes certames, os publicitários brasileiros conseguiram consolidar o prestígio de competência profissional que os coloca entre os melhores do mundo.

TRABALHADORES DA TUPI FICAM NA MÃO

Os funcionários da Rede Tupi de Televisão ficaram, literalmente, na mão. Apesar do parecer do presidente da Associação dos Advogados Trabalhistas de São Paulo, Francisco Ari Montenegro Castelo, segundo o qual os grupos Silvio Santos e Bloch deveriam assumir a dívida trabalhista das Emissoras e Diários Associados, o contrato de concessão dos canais foi assinado sem que nada fosse acertado nesse sentido. Para Montenegro Castelo, não há dúvidas de que os termos do edital 35/80, que abriu a concorrência para a concessão obrigava os vencedores a assumirem a dívida trabalhista. Contudo, nem Silvio Santos nem Bloch o fizeram. Nem por isso deixaram de ter assinados seus contratos. Os funcionários, mais uma vez, foram deixados em seus direitos. Não recebem de seus antigos patrões, nem dos novos. O governo, impassível, assiste.

POLÊMICA DO DIREITO AUTURAL PROSEGUE

A nova tabela dos direitos autorais, que muitos haviam considerado uma vitória para os trabalhadores, foi suspensa no início de junho. E a polêmica se arrasta, ganhando contornos cada vez mais indefinidos. Os autores e os usuários de direito autoral não chegam a um acordo. Nem os próprios autores entre si, divididos em entidades de arrecadação distintas. Enquanto isso, o jogo de pressões e contra-pressões se desenvolve nas diversas instâncias governamentais. Até o fechamento desta edição do Boletim INTERCOM, o problema não havia recebido uma solução.

Censura

PRISÕES, APREENSÕES E SUSPENSÕES NA IMPRENSA

O final de junho e o começo de julho foram tempos duros para a imprensa alternativa brasileira, mal acostumada que estava com um período de relativa liberdade de que desfrutava há alguns meses. Primeiro, foi a condenação de três diretores do semanário Hora do Povo pelo Superior Tribunal Militar, devido à matéria em que o jornal denunciava a existência de contas secretas na Suíça pertencentes a altos dignatários do governo. Além da condenação dos diretores, o Hora do Povo foi suspenso por um mês (mas prontamente subs-

tituído por um sucedâneo, o Jornal do Povo, durante o tempo que durou a suspensão). Os diretores do HP não se apresentaram para o julgamento nem para cumprirem a pena de 2 anos e 3 meses de prisão a que foram condenados. Depois, veio a condenação de quatro jornalistas do Coojornal, pela publicação de documentos do II Exército sobre a operação anti-guerrilha no Vale do Ribeira, em São Paulo, no ano de 1970. Os documentos são verdadeiros e foram apenas transcritos pelo jornal. Os jornalistas foram condenados a seis meses de prisão, apresentaram-se, começaram a cumprir a pena, mas foram colocados em liberdade provisória para apresentarem recurso ao STM. Finalmente, o Pasquim teve sua edição de nº 628 apreendida. A matéria principal do número eram os resultados do inquérito sobre o Riocentro.

LEITÃO DE ABREU: OS BONS TEMPOS VOLTARAM?

O retorno do jurista Leitão de Abreu à chefia da Casa Civil da Presidência da República despertou em alguns jornalistas temores de que os tempos da censura possam voltar ao Brasil. Carlos Chagas, em artigo publicado em O Estado de S. Paulo (9/08/81), recordou que foi Abreu o responsável principal pela ação da censura durante todo o governo Médici, o mais negro período de repressão à liberdade de informação da história recente do Brasil. E Chagas termina seu artigo perguntando: "Como (Leitão de Abreu) aceitará críticas, agora que vivemos um período de liberdade?".

APROVADAS AS SALAS RESTRITAS

Saiu, finalmente, a regulamentação para a criação das chamadas "salas restritas", onde serão exibidos os filmes que a Censura Federal julgar pornográficas. Elas só poderão localizar-se nas capitais e nas cidades com mais de um milhão de habitantes e terão sua lotação máxima limitada a uma proporção de 10% do total de lugares em cinemas comuns pertencentes ao mesmo exibidor que possui as salas restritas. Calcula-se que não haverá mais do que 40 salas restritas no País, fato que provocou inúmeras críticas dos que se preocupam com a rentabilidade desses cinemas especiais. Ela deverá ser tão baixa que a criação das salas especiais acaba se transformando numa forma indireta de proibição dos filmes considerados pornográficos. Um exemplo disso é o polêmico Calígula, cujo distribuidor já anunciou que não será exibido em salas restritas, pois tal exibição implicaria em prejuízo para ele. Por outro lado, o Conse-

lho de Censura continua liberando filmes há muito tempo proibidos no Brasil. Estado de Sítio de Costa-Gravas e Contos de Canterbury de Pasolini, ambos do início da década de 70, foram os principais que afinal chegaram às telas brasileiras nos meses de junho e julho. Não consta que a exibição de qualquer um dos dois tenha provocado qualquer revolução no País.

Comunicação internacional

DEZ ANOS DOS PAPÉIS DO PENTÁGONO

Quase ao mesmo tempo em que os jornalistas brasileiros amargavam a condenação de quatro companheiros do Coojornal que publicaram documentos do II Exército sobre a operação de guerrilhas no Vale do Ribeira em 1970, os norte-americanos comemoravam o décimo aniversário do caso dos papéis do Pentágono, um dos mais importantes momentos da história da liberdade de informação naquele país. Em junho de 1971, o New York Times começou a publicar documentos secretos do Pentágono e o governo Nixon tentou impedir a continuação da publicação. A Suprema Corte, contudo, negou-se a manter a proibição imposta pelo Executivo. E o Times pôde continuar a mostrar os documentos que deixavam claras mazelas e mentiras da administração Nixon na condução da guerra no sudeste asiático. O Estado de S. Paulo em sua edição de 2 de agosto deste ano publicou importante artigo de Floyd Abrams que conta a história completa dos papéis do Pentágono e a avalia dez anos depois.

PROBLEMAS NA IMPRENSA AMERICANA

Um dos mais importantes e tradicionais jornais norte-americanos deixou de circular no mês de agosto: o Washington Star, fundado há 127 anos e que, por cruel ironia, teve sua última edição esgotada em poucas horas, dada a curiosidade dos leitores em ler o derradeiro número do jornal. O fim de Star causou comoção nos meios jornalísticos americanos e uma preocupação ainda maior a respeito dos destinos da imprensa naquele país. Ainda em agosto, mais um sintoma da crise: o diário novaiorquino Daily News anunciou que deixará de publicar sua edição vespertina despedirá 10% de seus 5000 funcionários, num derradeiro esforço para reduzir seus prejuízos. Com o fechamento da edição do Daily News, New York só terá um jornal

vespertino, o sensacionalista New York Post, de propriedade do "barão" australiano Rupert Murdoch.

UM MODELO PARA AS SENHORAS PAULISTAS

Nos Estados Unidos, os grupos conservadores conseguiram uma forma de organização para interferir na programação das estações de TV que deve fazer as senhoras de Santana morrerem de inveja. Criaram uma entidade, a Coalition for Better Television, que reúne 400 grupos cristãos de extrema-direita e pretende, através de boicotes aos produtos fabricados por anunciantes de programas que não lhe agradem, modificar a programação da TV americana. A CBTV ainda não começou nenhum boicote porque seus próprios estudos e pesquisas demonstram que sua penetração junto ao público ainda é muito reduzida. Mas promete para breve o início de sua ação.

PLAYBOY VAI TER TV A CABO

A revista Playboy anunciou que tem planos para criar um serviço pago de TV por cabo. O serviço se chamará "The Playboy Channel" e pretende seguir uma linha similar à da revista. Hugh Hefner, fundador da revista, dirigirá pessoalmente a programação da TV, que deverá iniciar suas transmissões em janeiro de 1982. (JR, 22/8/81)

A VOLTA DAS TRÊS DIMENSÕES

Preocupada com a aparente impossibilidade de superar a crise quase crônica em que se encontra há mais de duas décadas, a indústria cinematográfica norte-americana tenta mais um artifício: a volta do cinema em três dimensões, que teve grande mas efêmero sucesso no início dos anos 50. Por enquanto, estão apenas sendo relançados filmes em três dimensões feitos há 30 anos atrás, mas se a experiência for bem sucedida, produções novas deverão ser tentadas.

BRIGADAS VERMELHAS USAM VIDEO-CASSETE

As Brigadas Vermelhas entraram na era do áudio-visual sofisticado. Uma mensagem sua sobre o sequestro de Ciro Cirillo foi divulgada, em julho, por meio de uma fita de vídeo-cassete. Quem assistiu ao programa, que mostra imagens do político sequestrado e mensagens revolucionárias dos brigadistas, diz que a qualidade técnica é bastante razoável, segundo o correspondente do Jornal do Brasil, Araújo Netto, em matéria publicada na edição de 14 de julho de 1981.

NA FRANÇA, PROSSEGUE A EXPLOSÃO DOS PIRATAS

As rádios piratas continuam a proliferar pela França. Depois de anos de monopólio, os franceses se divertem com uma imensa gama de ofertas no dial de seus receptores. São em Paris há 16 estações funcionando regularmente, 12 clandestinamente e outras 14 lançando seus sinais iniciais. As rádios tratam de tudo que se possa imaginar, de ecologia a aberrações sexuais, nas mais diversas línguas, do armênio ao português. O correspondente da Folha de S. Paulo em Paris, J. N. Natali, publicou extensa matéria a respeito na edição de 12 de julho de 1981.

GREVE DOS JORNALISTAS POLONESES

A primeira greve de jornalistas da Europa Oriental aconteceu no dia 19 de agosto deste ano, quando o sindicato Solidariedade conseguiu impedir a publicação dos jornais poloneses por 24 horas. Os órgãos do Exército e do Partido Comunista circularam em edições reduzidas, mas todos os demais não circularam. Aliás, durante todo o mês de agosto, a atuação dos jornais ocupou boa parte das declarações de Lecha Walesa, o líder do Solidariedade, reproduzidas nos jornais e revistas brasileiros. Walesa tem pedido aos jornais da Polônia um tratamento menos discricionário em suas coberturas sobre as lutas dos trabalhadores.

LA PRENSA PERDE ANÚNCIOS DO GOVERNO

Seguindo o exemplo que Antonio Carlos Magalhães já havia utilizado na Bahia há alguns anos atrás, o governo da Argentina resolveu castigar um jornal crítico com o cancelamento de suas verbas publicitárias. O jornal é o La Prensa, que foi eliminado dos órgãos onde o governo argentino anuncia. Segundo o secretário de imprensa do presidente Viola, "se há liberdade de imprensa, também há liberdade de escolher quem vai publicar anúncios". (BJ, 17/6/81)

QUEBRADO MONOPÓLIO DO CABO

O monopólio da transmissão de notícias por cabo, mantido até agora pela Cable News Network terá que ser repartido com a American Broadcasting Corporation - ABC - e a Westinghouse, que se uniram para a criação de uma rede noticiosa de televisão por cabo, programada para funcionar no segundo semestre de 1982. Enquanto a Cable News,

em atividade desde maio de 1980, oferece serviços mais modestos, e ABC-Westinghouse promete uma programação de 24 horas por dia onde serão apresentados não somente notícias nacionais como também notícias regionais. Para isso será usada uma rede de 24 estações locais de TV, que oferecerão cinco minutos de notícias por hora. (ESP, 13/08/81)

Comunicação Popular

EXPERIÊNCIAS DE FOTOGRAFIA POPULAR

Há algum tempo atrás, os meninos do Pelourinho, em Salvador, receberam máquinas para registrarem a sua interpretação de um local paupérrimo que figura nos álbuns fotográficos dos turistas brasileiros. Experiência semelhante está sendo desenvolvida aqui em São Paulo, nos bairros do Jardim Miriam, Cidade Ademar, São Roque, Vila Remo, Jardim-Tomás e Vila Socó, todos marcados por uma característica comum - a pobreza da população. A iniciativa está sendo levada a cabo pelo professor Carlos Egídio Alonso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, junto com seus alunos. Um dos critérios para a seleção dos bairros foi a existência de organismos mobilizadores de apoio, como CEbs, e Sabs, ou qualquer outro tipo de organização popular. A fotografia viria a atuar nestes bairros como desencadeadora de reflexões e debates sobre o bairro, o modo de vida, os problemas da comunidade, expressos numa foto segundo a visão dos moradores. Os temas propostos para o início das atividades foram fornecidos pelo moradores, as câmeras distribuídas pelos alunos e marcadas algumas semanas para a entrega do material. Os trabalhos de revelação e ampliação das fotos ficou a cargo dos alunos, o que de uma certa maneira poderia comprometer a fidelidade da visão de mundo impressa na foto, na medida em que os diversos ângulos para ampliação do material podem acarretar distorções das intenções iniciais do fotógrafo. De qualquer maneira, o objetivo precípuo parece ter sido atingido já que o simples ato de fotografar desenrolou todo um processo de percepção e atenção ao meio ambiente, a identificação do "habitat" e em seguida, compartilhado, socializado, através das discussões entre todos os membros da comunidade.

Tecnologia

CRIA-SE UM MERCADO PARA MICROCOMPUTAÇÃO

Em plena zona sul da cidade do Rio de Janeiro inaugurou-se o espaço da microcomputação no Brasil, com a loja Computique que preten- de investir nas situações mais cotidianas através da venda dos com- putadores. Embora os preços não sejam tão atrativos (variam de 260 mil a um teto de 1 milhão de cruzeiros) quanto os mistérios da tec- nologia avançada aplicada à vida comum, os proprietários da Compu- tique acreditam na popularização progressiva dos microcomputadores. Entre os primeiros freqüentes estão o Canecão, que encomendou os serviços da loja a fim de agilizar a venda de ingressos, médicos que, com o auxílio do computador, têm com rapidez as fichas dos pa- cientes sem o trabalho das secretárias e profissionais liberais e- meranhados nos mais diversos problemas para organizarem-se que cor- rem em busca dos préstimos dos computadores. A técnica utilizada para a persuasão dos empresários dos encantos da computação será a revista a ser lançada em setembro, Micro Sistemas com edições de 10 mil exemplares, distribuídos em "bancas selecionadas de todo o país". A convivência da tecnologia cada vez mais sofisticada em so- corro à produtividade e racionalização das empresas, com os níveis assustadores de desempregados leva à indagações sobre o destino das secretárias, atendentes de consultórios e bilheteiros. De que maneira a implantação dos sistemas de microcomputação conseguirá absorver esta mão de obra? (Lúcia Araújo)

APARELHOS DE TV MAIS SOFISTICADOS

A retração no consumo da indústria de televisores não intimidou o setor, que se prepara para lançar no mercado aparelhos mais sofis- ticados. A Semp Toshiba acrescentou ao televisor de 14 polegadas um relógio que pode ser acionado por controle remoto ou por um bo- tão no painel. A novidade vai custar de 68 a 74 mil cruzeiros. Tam- bém lançando mão de excentricidades televisivas como recurso para o aumento das vendas, a Sharp apresenta, por 86 mil cruzeiros, um televisor em cores de 20 polegadas que opera com célula fotoelétrí- ca. Captando a luz ambiente, permite uma nitidez maior de imagem. A Philco, na mesma linha de ação, vai substituir seu televisor a cores de 17 polegadas, por outro de 16 polegadas, com tecnologia mais requintada. O modelo custará 67 mil cruzeiros. (Veja, 8 de ju- lho de 1981)

O MENOR APARELHO DE TV

"Carregue sua novela no bolso". Em breve, este poderá ser o espírito de campanhas publicitárias as indústrias de televisão, que dentro de um ano estarão comercializando o menor aparelho de televisão já inventado. A criação britânica consiste de uma tela de três polegadas em um tubo de imagem plano, desenhada num tamanho inacreditável: quinze centímetros de comprimento por dez de largura e dois e meio de profundidade. (FSP - 22/8/81)

A ESTRÉIA DO VIDEO-TEXTO

A Telesp será a primeira empresa a utilizar o videotexto no Brasil, em conjunto com empresas jornalísticas, emissoras de TV, empresas aéreas, bancos e repartições públicas. O novo sistema de informações permitirá aos assinantes da Telesp receberem, a baixos custos, a mais variada gama de notícias, informações sobre o trânsito, lazer, cotações da bolsa e produtos agrícolas, previsão do tempo, classificados, no vídeo doméstico. O novo investimento, que será inicialmente feito com 500 empresas até o final de 1981, é extremamente barato pois se apropria de uma infraestrutura já existente - a televisão e o telefone. A única inovação é a implantação de um banco de dados baseado na utilização de computadores. O assinante terá apenas que comprar um adaptador e avisar a Telesp. Um teclado de controle remoto acoplado ao televisor permitirá ao assinante selecionar a informação. O conversor está programado para ser produzido junto com o aparelho de televisão dentro de um período de dois anos e deverá custar, no máximo, o equivalente à metade do preço de um aparelho a cores. Esta nova forma de jornalismo eletrônico foi inventada na Inglaterra e desenvolvido na França. No Brasil, inicialmente ele está sendo introduzido pela Telesp mas nem o nome vídeo-texto é definitivo. O Rio de Janeiro aproveitará a experiência de São Paulo e implantará o sistema, em seguida. Consta que a Associação Comercial de São Paulo está pensando seriamente em utilizar os recursos do videotexto para o serviço de proteção ao crédito (SPC), o que agilizará e incrementará a caça aos credores. (ESP-28/06/81)

INOVAÇÕES NA FOTOGRAFIA

Os aficcionados no impressionismo logo poderão ensaiar vãos na técnica desta escola através da fotografia. A Photo Electronic Corporation (PEC), uma indústria de equipamentos fotográficos da Flórida,

está desenvolvendo um aparelho computerizado que aplica o raio laser na reprodução de imagens. O processo rotineiro de reprodução de slides para uma foto exige um intermediário, o internegativo, entre o slide e a projeção de sua imagem sobre o papel, o que acarreta perdas de definição e dispersão de cores para a imagem reproduzida. O sistema da PEC, utiliza o laser para acelerar a velocidade da reprodução, resultando numa exatidão maior da impressão. A impressão computerizada foi testada pelo artista novaiorquino, Newler, que emprestou a ela versatilidade artística ao obter a eliminação de todas as gradações de tom do slide favorecendo as cores básicas de contraste forte, o domínio exclusivo das tonalidades suaves, enfim, toda uma distorção de imagens que conferem à foto efeitos especiais invadindo os domínios da pintura impressionista, expressionista ou de qualquer outra tendência. Tudo depende da programação que o fotógrafo manejar no aparelho. A PEC tem planos para a rápida comercialização do aparelho, embora já possam os fotógrafos adquiri-lo para aluguel, por 400 dólares nos Estados Unidos. (Veja, 15 de julho de 1980)

SALVAÇÃO PARA ANUNCIANTES

Numa feira em Las Vegas, o diretor técnico da Globotec, Theodoro da Fonseca, encontrou a estratégia para salvar os anunciantes de TV dos preços dos anúncios (1 segundo em horário nobre custa até 75 mil cruzeiros). É o Audio Time/Compressor/Expander que amplia ou reduz um filme comercial sem nenhum prejuízo para a imagem ou som, através da aceleração de sua velocidade em até 40%. A Globotec investiu um milhão de cruzeiros no Audio Time e tornou-se pioneira no uso comercial do aparelho, em todo o mundo. (Veja, 15/08/81)

Gente

OS 100 ANOS DE JOÃO DO RIO

Sorrate emprestando de Brito Broca, crítico do início do século, a observação sobre a dificuldade de se distinguir onde termina o jornalismo e começa a literatura, é possível tentar dimensionar a importância de João do Rio a quem Broca dirigiu a reflexão. Vasculhar a memória de João do Rio, cujo centenário de nascimento foi no dia 5 de agosto, significa mergulhar com toda a paixão no exercício do

jornalismo concebido por ele até extrapolar para a significação da profissão, hoje. No início do século, no Rio de Janeiro, a Capital Federal sacudida pela política republicana, subornada pelo fascínio parisiense dos boulevards por onde a elegância desfilava ao lado das mais revolucionárias invenções, como o automóvel - João do Rio desprendia-se dos soturnos gabiretes, para sentir a rua, o café, a vida urbana irrompendo no cotidiano do trabalhador ou nas saias esvoaçantes das senhoras da burguesia. Historiando sua época num equilíbrio harmonioso de humor, sagacidade, sensibilidade, observação direta da realidade, João do Rio é criador do repórter que escreve seu tempo em um texto que acompanha a palpitação da rua, que coleta os dados e dá-lhes vida com a sensibilidade. Em 1981, cem anos depois, ao penetrarmos uma redação, vendo os jornalistas longe das ruas e relegados a uma mesa e uma cadeira como espaço de trabalho e quando nos deparamos com o empobrecimento das reportagens sob a égide da depauperada "neutralidade jornalística", ou com os "press-releases" corrompendo a investigação, é valioso invocar as palavras do próprio João do Rio: "o literato do futuro é o homem que vê, que sente, que sabe porque aprendeu a saber, cuja fantasia é um desdobramento moral da verdade, misto de impossibilidade e sensibilidade, eco de alegria, de ironia, da curiosidade, da dor do público - o repórter". (Lúcia Araújo)

O SUCESSO DE DIAS GOMES

O trabalho que Dias Gomes faz com a história de nosso país conseguiu ocupar dois veículos e alcançar altos índices de Ibope e sucesso, sem contrariar a coerência ideológica do autor nem tampouco enfadar espectadores com um discurso monolítico e mau humorado. Inspirado em Riocentro, senhoras de Santana, falcatruas malufianas, Dias Gomes vai compondo o dia-a-dia de Sucupira e seu prefeito, Odorico Paraguaçu (Paulo Gracindo) conquistando audiência para o exercício bem humorado da crítica e da informação que o seriado destila. No teatro, estreou, no final de julho, sua última peça, Campeões do Mundo, dentro da qual escolhe como objetos de análise a ação dos grupos de extrema esquerda, o milagre brasileiro e todo o pano de fundo da desenrolar da história entre 1963 e 1979. Em entrevista a Movimento (20 a 26 de 07), Dias Gomes contextualiza sua peça no momento atual como a retomada de caminhos proibidos, a nível de forma e conteúdo enquanto linguagem, a peça é multifacetada e alterna o real e o alegórico, impressões íntimas com o movimento das massas e representa, sobretudo, a fuga das metáforas, arti-

fícios abusado no tempo da censura. Quando se refere ao conteúdo, Dias Gomes tenta ao máximo minimizar a sua própria visão de mundo tentando impedir que seu "bias" asfixie as informações e impeçam sua instrumentalização para a análise. Para ele, o teatro ou a televisão não muda nada mas leva ao espectador a consciência de transformar o mundo. E Campeões do Mundo, neste sentido, vem em momento oportuno: apesar de a esquerda envolvida na luta armada ter se submetido a uma rigorosa autocrítica, sem maniqueísmos, chegou a hora de descobrir novos caminhos. Pelo menos em relação a seu próprio trabalho, Dias Gomes, sabe o que fazer. Malabarista incontestável das garras da censura, apesar de ter sido escorraçado da rádio Nacional em 64, de ter tido diversas peças e seriados de TV aprisionados pela censura, Dias Gomes ousa e sesafia os limites da abertura dentro de uma filosofia muito objetiva: "há duas maneiras de combater o sistema, de fora para dentro e de dentro do próprio sistema. De fora para dentro é preciso que você tenha armas". E na Rede Globo, através do "Bem Amado, as idéias de Dias Gomes vão ecoando por todo o território nacional. A teoria do foquismo, para ele, como se vê, esgotou-se no idos de 60/70.

DANIEL AZULAY E A TV-CRIANÇA

Funcionários da TV Educativa de Natal impressionam-se com o volume de cartas que a criançada do sertão do Rio Grande do Norte remete a Daniel Azulay, responsável pela Turma do Lambe-Lambe, há três anos liderando a audiência da TV E, do Rio de Janeiro, geradora de programas para as TVs educativas de vários estados. Daniel Azulay, que divide seu tempo entre as gravações para a TV-E, a TV Criança da Bandeirantes e sua empresa Daniel Azulay Produções, arrebatou qualquer desenho estrangeiro das programações. Entrando para as gravações sem texto decorado, gestos estudados, Daniel desenha e recupera dentro da visão da criança o modo de vida do brasileiro, para ele, um sincretismo de Cahpadão do Bugre, de Mário Palmério e Macunaíma, de Mário de Andrade. A TV E ensinou-o a trabalhar com recursos pobres, a improvisar e talvez, esteja aí, neste aproveitamento e apropriação criativa da realidade pobre que o cerca, a explicação para as milhares de cartas do sertão do Rio Grande do Norte e de outros vários sertões recebidas pelo idealizador da Turma do Lambe-Lambe.

OS MORTOS DO BIMESTRE

Da segunda quinzena de junho à segunda quinzena de agosto, o mundo das artes e da comunicação perdeu considerável número de expressivas figuras. A maior delas, Glauber Rocha, 42 anos, o maior cineasta brasileiro de todos os tempos e um dos mais renomados do mundo contemporâneo, vítima de pneumonia contraída em Lisboa, onde residia ultimamente. A obra de Rocha será examinada detalhadamente na próxima edição do Boletim Intercom. Nos Estados Unidos, o melhor escritor de roteiros para televisão do país e autor também de inúmeros êxitos no cinema, Paddy Chayefsky, também morreu em agosto, aos 58 anos. Seu último grande sucesso no cinema foi Network (Rede de Intrigas). No cinema brasileiro, outra perda foi a Amancio Mazzaroppi, em meados de junho, aos 69 anos, de câncer. Mazzaroppi foi uma das figuras mais populares das artes cênicas brasileira e, depois de morto, começou a ter seu valor redescoberto pelos críticos. Personalidades de múltiplas características, Nair de Tefé, morta em junho aos 95 anos, destacou-se no mundo das artes como uma das maiores caricaturistas da nossa história. Grande diretor de sucessos memoráveis de Hollywood, como Jezebel, O Morro dos Ventos Uivantes, Funny Girl e Ben-Hur, William Tyler já estava aposentado em junho, quando morreu aos 79 anos. Compositor tardiamente descoberto, Luiz Ramalho, de 50 anos, morreu em julho, pouco tempo depois de seu único sucesso, Foi Deus Quem Fez Você, ter se consagrado. Jornalista e militante político, Elias Chaves Neto, antigo diretor da revista Brasiliense, também faleceu em julho. Uma das melhores atrizes brasileiras da década de 50, Lola Brah, de 61 anos morreu esquecida, na segunda quinzena de julho. Ator cujo mais recente êxito está sendo exibido em São Paulo (Muito Além do Jardim), o americano Melvyn Douglas, duas vezes premiado com o Oscar, morreu em julho, aos 80 anos de idade.

Noticiário Geral

SBPC NA BAHIA PODE TER SIDO FIM DE UM CICLO

Nos piores momentos do autoritarismo brasileiro da década de 70, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência acabou se tornando um abrigo amplo para que diversos setores da sociedade civil impedissem de manifestar-se em outros fóruns pudessem expressar seus pontos de vista e opiniões políticas. Por isso, as reuniões anuais

da entidade, a princípio reservadas e voltadas apenas para os problemas da ciência, foram se transformando em acontecimentos galvanizadores de multidões. Em São Paulo, em 1978, depois que o governo federal negou verbas para que a SBPC pudesse realizar seu encontro, a reunião anual chegou quase a se transformar num movimento de massas, com a mobilização de milhares de pessoas para hospedar professores e estudantes de outros Estados e para financiar o evento. Com a reconquista de algumas liberdades a partir de 1979, entretanto, e com a consequente reorganização de partidos políticos e entidades de classe, a SBPC passou a reavaliar a dimensão que tomaram suas reuniões anuais. Já no Rio de Janeiro, no ano passado, não foram poucos os que se queixaram dos rumos que tomavam os encontros. E este ano, em Salvador, as reações foram ainda maiores. Unindo o grande número de pessoas presentes à 33ª. Reunião Anual da SBPC às tradicionais características de alegria e descontração que marcam a cidade e os habitantes de Salvador, o campus da Universidade Federal da Bahia transformou-se, para alegria de muitos e desespero de alguns, numa imensa festa. Como poucos dias antes os sócios da SBPC já haviam dado uma clara demonstração de retração ao escolherem o candidato à presidência da entidade com tendências mais conservadoras, o biólogo Crodowaldo Pavan, tudo parecia indicar que na Assembléia Geral que marca o encerramento de cada reunião anual, medidas com o objetivo de restringir a amplitude dos encontros da SBPC viriam a ser tomadas. De fato, isso foi o que ocorreu. A escolha de Campinas para sede da reunião de 1982, ao invés de Belém como havia sido inicialmente proposto, é uma indicação clara de que o alegre encontro de Salvador pode ter marcado o fim de um ciclo na vida da SBPC. No afastado campus da UNICAMP, numa cidade em que as manifestações culturais tendem mais para a sizudez do que para a descontração, os novos dirigentes da SBPC esperam que a entidade volte às suas origens e que seus encontros anuais deixem de ser o espaço privilegiado das manifestações políticas e sejam novamente apenas o fórum para as comunicações e discussões da ciência no País.

NASCE UMA ESTRELA

Dez anos depois da televisão a cores e merquilhada numa de suas maiores crises econômicas, a classe média brasileira volta a ter uma adesão unânime na área dos eletrodomésticos: o vídeo-cassete começa a se impor como um produto de consumo amplo entre os setores intermediários do espectro das classes sociais no Brasil. Capa da edição de Veja de 22 de julho último, 50 000 unidades vendidas em

poucos meses, a perspectiva de introdução de cerca de 1000 novos aparelhos no mercado a cada mês (apesar da proibição de importação) um emergente sistema de serviços nas principais capitais brasileiras, o vídeo-cassete já está deixando de ser um sonho distante para umas poucas milhares de famílias no Brasil. Segundo a revista Veja, o aparelho é o principal item dos contrabandistas brasileiros hoje em dia, o que encarece consideravelmente o seu custo original (que é bastante baixo em seus países de origem, onde já está popularizado). Entretanto, dentro de pouco tempo o vídeo-cassete poderá ser um bem de consumo de estratos mais amplos da sociedade brasileira, pois a Sony já está produzindo em Curitiba o aparelho, ainda que, por enquanto, apenas o modelo profissional, muito maior, mais caro e pesado do que os modelos contrabandeados. Espera-se que nos próximos dois anos a Sony já esteja produzindo o vídeo-cassete doméstico. Os especialistas de mercado acreditam que quando isso ocorrer (e outras fábricas devem se instalar, como a Sharp e a Panasonic), algo similar à febre de televisão dos anos 50 e da TV a cores dos anos 70 deverá ocorrer em relação ao vídeo-cassete. Enquanto isso, os poucos privilegiados que podem desfrutar de uma aparelhagem contrabandeada podem exibí-la como sinal de status e aglutinar em seu redor televisinhos de uma nova geração.

SAI O SNT, ENTRA O INACEM

O Governo extinguiu o Serviço Nacional de Teatro, criando o Instituto Nacional de Artes Cênicas - Inacem - que catalizará o circo, o teatro e a ópera numa mesma entidade, vinculada ao MEC, sem nenhuma ligação mais com a Funarte. O fim da subordinação destas atividades à Funarte foi considerada pelos artistas como uma grande vitória da categoria, muito embora, suas reivindicações fossem mais além. A bandeira de luta dos artistas era a organização de uma entidade flexível e autônoma, no caso uma Fundação, que foi descartada pelo MEC sob o argumento de que a sua implantação não dependeria somente deste Ministério com o agravante de não haver verba para tal iniciativa. Os artistas parcialmente satisfeitos com as resoluções do ministro Rubem Ludwig e Aluísio Magalhães, do MEC não pretendem esmorecer com relação à Fundação. Somente, deixarão suas propostas amadurecerem durante o trabalho que desenvolverão dentro do Instituto. A definição da filosofia, do regimento interno do Instituto foi compartilhada pela categoria junto a Aluísio Magalhães onde se delimitou os poderes do instituto. O Inacem terá um conselho representativo, administrará seus próprios recursos, delegará

poderes, dirigirá e organizará seus trabalhos. Orlando Miranda, diretor do Inacem pretende, primeiramente reformar teatros e abrir um circo-escola, na praça da Bandeira, no Rio de Janeiro. (JB-16/08, folha-15/07)

Boletim INTERCOM

Ano IV, nº 32

Agosto/Setembro, 1981

Editor: Carlos Eduardo Lins da Silva

Redatores: Carlos Eduardo Lins da Silva

Eron Brum

José Marques de Melo

Lúcia Maria Araújo

Ricardo Rosado de Holanda

INTERCOM
1981

*Bibliografia Brasileira
de Comunicação*

nº 3

